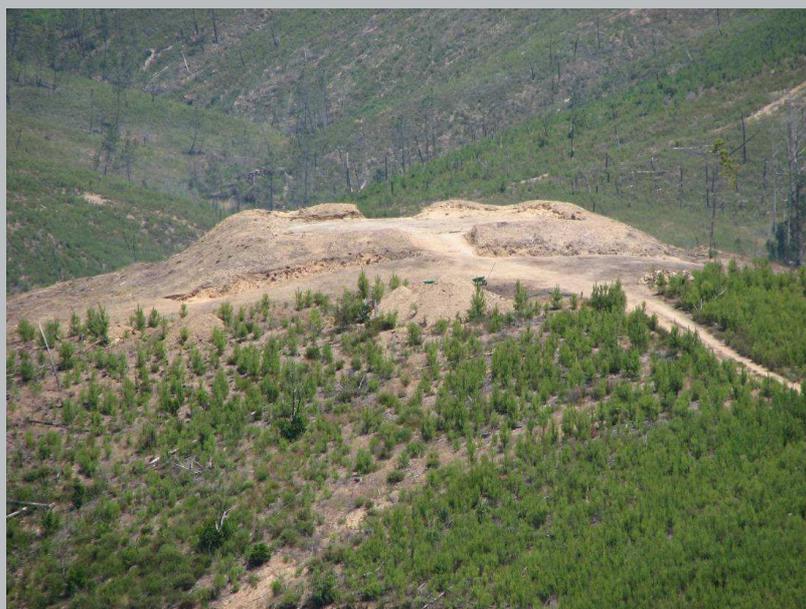


## O FORTE DAS BATARIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA<sup>1</sup>

The Fort of Batarías positioned in Alvito Riverbank at Proença-a-Nova. Preliminary Analysis of the Archaeological Intervention

Mário Monteiro<sup>2</sup> e André Pereira<sup>3</sup>



**Palavras-chave:** Proença-a-Nova, fortes e baterias, estruturas militares, Guerra dos Sete Anos, Guerra das Laranjas, Guerras Peninsulares

<sup>1</sup> Este artigo constitui um estudo prévio baseado no que será o relatório final da intervenção arqueológica realizada no Forte das Batarías e, consequentemente, integrado no mesmo. A fotografia da capa tirada do Forte da Catarina Fundeira 1 para a entrada do Forte das Batarías.

<sup>2</sup> Arqueólogo, colaborador da Associação de Estudos do Alto Tejo.

<sup>3</sup> Arqueólogo, colaborador na intervenção arqueológica, no desenho e estudo dos materiais cerâmicos.

## **Resumo**

O Forte das Batarías faz parte de uma posição defensiva que tinha como função fechar a passagem de exércitos invasores através da estrada que passava pela Portela da Catraia, sendo esta posição constituída por diversas estruturas dispostas em pontos estratégicos mandadas construir em 1762 pelo Marechal-General do exército português Conde soberano de Schaumbourg Lippe, no âmbito da Guerra dos Sete Anos (1756 – 1763). Em 2007 efectuou-se uma escavação arqueológica no Forte das Batarías integrada no âmbito do Centro de Interpretação de Fortes e Baterias da Sobreira Formosa, tendo sido promovida e patrocinada pela Câmara Municipal de Proença-a-Nova com a colaboração da Associação de Estudos do Alto Tejo.

Tendo sido a primeira vez que se realizaram trabalhos arqueológicos numa estrutura desta tipologia e época em Portugal, supostamente uma estrutura provisória de campanha, “maus redutos de terra e pedra” como referem as fontes documentais, trabalhou-se durante dois meses e meio no Forte das Batarías tendo-se deparado com uma estrutura complexa e de boa construção que obedece a todas as normas da engenharia militar da época, possuindo estruturas negativas no interior, fossos e muros de contenção dos taludes, canhoneiras e outras estruturas, ficando ainda por escavar os fossos Norte e Sul.

Desenvolve-se um estudo no qual se apresentam os resultados da pesquisa documental e os provenientes dos trabalhos de campo, cruzando os dados obtidos e descrevendo as estruturas conhecidas associadas à posição defensiva da Portela da Catraia, na “Linha das Talhadas-Muradal” da qual é parte constituinte.

## **Abstract<sup>4</sup>**

Fort of Batteries is part of a defensive site which purpose was closing the way to invader hosts across the road passing by Portela da Catraia. This position was built in 1762 by the Marshal-General of the Portuguese Army, sovereign Earl of Schaumbourg Lippe within the War of the Seven Years and consisted of an assortment of structures tactically arranged. The so called War of the Seven Years took place from 1756 till 1763. In 2007 an archaeological excavation promoted and sponsored by the Municipality of Proença-a-Nova and with the cooperation of the Association for Studies on the Northern Tejo was carried out at Fort of Batteries, integrating the Interpretation Centre of Forts and Batteries of Sobreira Formosa,

It was the first time in Portugal that an archaeological effort under a make-up of such type and period was produced. It was supposed to be a short-term campaign framework, «bad fortifications of dirt and rock» as it is referred at documental sources. The works at the Fort of Batteries went on for two and a half months until a complex and well built structure, obeying to all military engineering rules of its time came across. Several negative structures were found in the inside,

---

<sup>4</sup> Tradução de Isabel Flecha Vasconcelos.

**O FORTE DAS BATARIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR  
DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**

such as moats, slope restraining walls and canon frames. The north and south moats are still unexcavated.

Finally, a study was developed in order to show both results of the research and those coming from the field work, comparing data and describing the well-known structures linked to defensive position of Portela da Catraia, at the «Line Talhadas-Muradal».

## Antecedentes

Os trabalhos desenvolvidos no Forte das Baterias encontram-se integrados no âmbito do Centro de Interpretação de Fortes e Baterias da Sobreira Formosa (CIFBSF), tendo sido promovidos e patrocinados pela Câmara Municipal de Proença-a-Nova (CMPN), com a colaboração da Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT).

Contudo, cabe distinguir, e louvar, o trabalho que deu origem a todo um projecto que se prevê vir a ser longo e frutuoso.

Em finais dos anos 90 Francisco Henriques e João Carlos Caninas, dois dos sócios fundadores da AEAT, iniciam a investigação sobre estruturas militares do séc. XVIII-XIX existentes no concelho de Vila Velha de Ródão<sup>5</sup>.

Sendo então um trabalho inserido no Projecto VAMBA, da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, depressa o extravasa e se estende a todas as estruturas coevas ao longo das portelas da Serra das Talhadas e Serra do Muradal.

O reconhecimento do elevado valor patrimonial de todo o conjunto e a localização em campo de algumas das estruturas identificadas nas fontes, face ao estado de abandono e a ameaça de destruição a que estas frágeis e esquecidas estruturas se encontravam (e muitas ainda se encontram), motivaram um justificado interesse por parte da AEAT que se movimentou no sentido de as proteger e valorizar.

Como resultado, conseguiram conquistar o interesse e cooperar com os municípios de Vila Velha de Ródão e de Proença-a-Nova na salvaguarda deste património, que no caso do último proporcionou o processo de classificação dos monumentos identificados (que se encontra em Vias de Classificação) bem como a recente inauguração do CIFBSB.

Convidado em 2006 pela AEAT e CMPN para coordenar os trabalhos de escavação no Forte das Baterias e Bateria das Baterias, um dos signatários (MM) rapidamente aceitou abraçar este projecto que se previa realizar num mês e meio. De facto, dois meses e meio não chegaram para finalizar a escavação integral do Forte das Baterias, mesmo possuindo uma equipa esforçada e entusiasta.

Por último há que destacar e homenagear quem primeiro se interessou em visitar e desenhar esboços destas estruturas militares<sup>6</sup>, então interpretando-as como sendo da 1.<sup>a</sup> invasão francesa. Referimo-nos ao Arqueólogo Francisco Tavares de Proença Júnior, decorria o ano de 1903, de quem se transcreve os seguintes apontamentos anteriormente editados<sup>7</sup>.

*“Fortificações Antigas [...] entre Sarzedas e Sobreira Formosa e próximo da Ribeira do Alvito existem redutos, fortificações temporárias formadas por um recinto limitado por um fosso escavado na terra. Soube também há pouco por outra pessoa que n’esses recintos apareceram peças de artilharia (?) [...].*

<sup>5</sup> HENRIQUES; CANINAS & CORREIA, 2002.

<sup>6</sup> O esboço de uma estrutura pode ser consultado em ANTUNES, 2007, p. 153, Fig. 32.

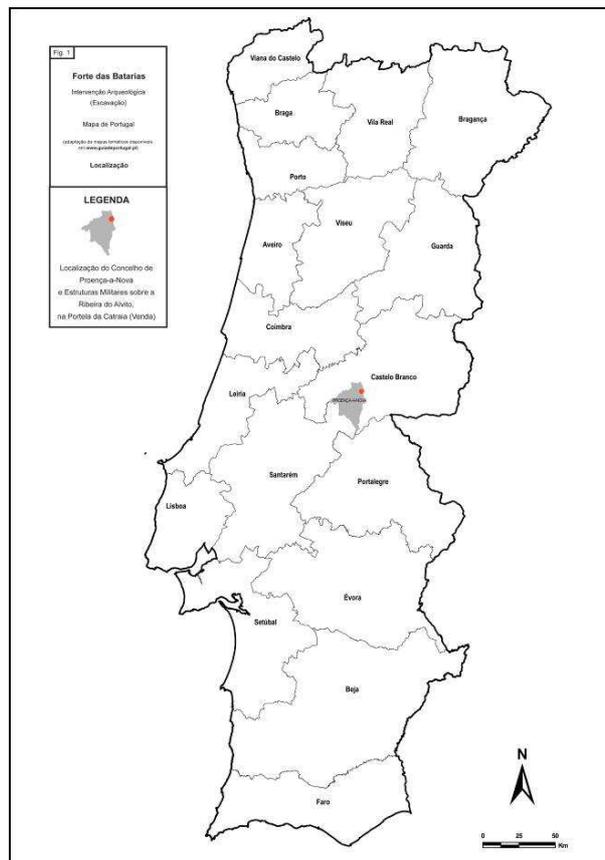
<sup>7</sup> HENRIQUES; CANINAS & CORREIA, 2002, p. 51.

*Isto data, naturalmente da 1.<sup>a</sup> invasão francesa. [...]. São fortalezas provisórias do tempo das invasões. Creio não chegaram a servir. Tem lá aparecido algumas peças (em bronze?). Visitei e levantei planta do local em Outubro de 903; Visitei 7 fortins.”*

## **A Morfologia e Geologia do Terreno**

A Serra das Talhadas forma uma muralha natural, quartzítica, de sentido NNO-SSE com cerca de 27 km de comprimento e altitudes variáveis entre os 500m e os 614m. Esta “muralha” apenas possui quatro portelas que permitem a sua possível, mas não fácil, travessia, sendo que apenas duas possuem largura suficiente para a circulação de carros (chama-se à atenção para o período em questão, no qual os carros seriam de tracção animal e as vias desenvolviam-se naturalmente ao longo das encostas mais suaves e das cumeadas).

A portela que pretendemos caracterizar localiza-se na extremidade NNO da Serra, no concelho de Proença-a-Nova, freguesia de Montes da Senhora (**Fig. 1**). A Portela da Catraia (ou o colo da Venda, como se encontra designada nalgumas fontes) possui cerca de 1km de largura, contudo a sua travessia é amplamente dificultada pela irregularidade da plataforma xistosa que a constitui, com vales profundos e encaixados e montes variando entre os 300m e 400m de altitude.



**Figura 1** – Mapa de Portugal (adaptação de mapas temáticos disponíveis em [www.guiadeportugal.pt](http://www.guiadeportugal.pt))

## O FORTE DAS BATARIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira

A plataforma xistosa pertence ao “Complexo Xisto-Grauváquico Ante-Ordovícico”, também designado como “Complexo Xisto-Gresoso das Beiras”, composto por xistos argilosos finos, sendo que na área em questão se encontram alterados devido a acções de metamorfismos, possuindo filões quartzosos. A rocha xistenta aqui existente é de má qualidade (partindo-se em lâminas finas e quebradiça), não permitindo a extracção regular de blocos de médias e grandes dimensões para a construção.

Para Norte a Serra das Talhadas encontra continuidade na Serra do Muradal, tornando-se impossível contorná-la. Para Este, encontra-se o fosso escavado pela Ribeira do Alvito, cuja travessia apenas se encontra facilitada desde a construção de uma ponte no reinado de D. Maria II. Até então falava-se na Barca do Alvito ou na passagem a vau referida na invasão francesa de 1807 “[...] *desceram o Rio Alvito até encontrarem o vau que se situa ligeiramente a juzante do esporão do ponto de cota 26, junto ao Casal da Cerejeira, que hoje fica a umas centenas de metros da povoação da Cerejeira, [...]*”<sup>8</sup>

Por aqui passava a “estrada de carro” (a Estrada Real) que ligava Castelo Branco a Proença-a-Nova, dando também acesso a Abrantes e Lisboa.

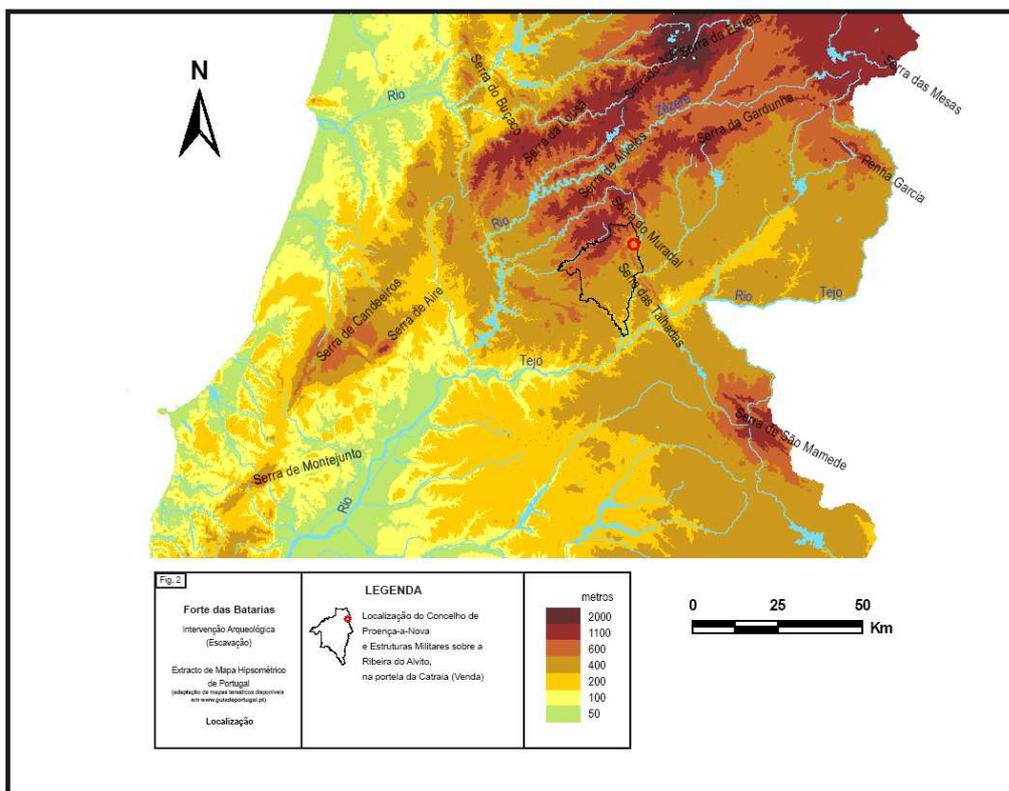


Figura 2 – Extracto de Mapa Hipsométrico de Portugal (adaptação de mapas temáticos disponíveis em [www.guiadeportugal.pt](http://www.guiadeportugal.pt))

É este o retrato de uma paisagem bela para o turista do presente, inóspita e adversa para quem a tinha que atravessar até aos inícios do século XX, um pesadelo para os exércitos que por ela avançaram durante os séculos XVIII-XIX.

<sup>8</sup> SILVA, 1976, p. 98-99.

## Enquadramento Histórico e Transcrição de Fontes Documentais

O Forte das Baterias faz parte de um núcleo defensivo mandado construir em 1762 pelo marechal general do exército português Conde soberano de Schaumbourg Lippe, no âmbito da Guerra dos Sete Anos (1756 – 1763).

De modo a permitir a compreensão deste reduto (que passaremos a chamar Forte) e a cruzar os dados obtidos nas fontes escritas com os dados obtidos no terreno (em prospecção, escavação e fontes orais), passaremos a transcrever trechos de diversos autores (digamos que faremos uma compilação de fontes) que mencionam a posição defensiva na qual se encontrava integrado, aos quais acrescentaremos algumas observações.

Em 1762, reinando D. José I, Portugal vê-se envolvido na Guerra dos Sete Anos devido à recusa de assinar o *Pacto de Família* com as cortes de Espanha e França. Perante a eminente invasão do território nacional por um exército Franco-Espanhol o Marquês de Pombal pede ajuda a Inglaterra no sentido de obter auxílio militar e de contratar um general estrangeiro para comandante em chefe com capacidade para organizar o exército e a defesa do Reino. Por indicação do rei de Inglaterra foi escolhido para esse cargo o conde Schaumbourg Lippe, que então servia no exército inglês.

*“A 3 de Julho do referido ano se expediu o decreto nomeando-o marechal general dos exércitos, e encarregando-o do governo das armas de todas as tropas de infantaria, cavalaria, dragões e artilharia, e director geral de todas elas. Chegando a Lisboa, o conde de Lippe tratou logo de ver quais as tropas sólidas com que podia dispor, e reconheceu que apurando-as bem não tinha para compor o exercito de operações mais de 7 ou 8 mil ingleses e outros tantos portugueses, porque o resto das tropas nacionais era preciso para guarnecer as praças ou formado de recrutas mais prejudiciais do que úteis nas marchas que deviam constituir as manobras principais da defensiva. Tendo apenas essa diminuta força para se opor ao exercito franco-espanhol, que constava de 42.000 homens e 93 canhões, o marechal decidiu-se a limitar as suas manobras a conservar-se na defensiva, procurando apenas inquietar a marcha dos invasores, e tendo as suas tropas concentradas lança-las num momento imprevisto sobre algum ponto fraco do inimigo, imitando assim o sistema de guerra do grande Frederico.”*

Transcrição de texto retirado de *Portugal. Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico* (www.arqnet.pt).

As forças militares portuguesas eram diminutas, mal comandadas, mal preparadas e totalmente desorganizadas, encontravam-se com os soldados em atraso, muito mal equipadas e os depósitos bélicos vazios, herança da política adoptada por D. João V.

De imediato Lippe dá ordens no sentido de reconhecer o número de efectivos disponíveis, o estado das praças-fortes e faz um reconhecimento do território português de modo a preparar a estratégia defensiva.

Num reduzido espaço de tempo o exército sofre reformas, é organizado e distribuído pelas fronteiras e o território fortificado com novos redutos defensivos. Lippe estabelece o quartel-general em Abrantes, onde mantém o grosso das forças, contando então na totalidade com cerca de 15000 homens do exército de linha e 47 bocas de fogo (cerca de 8000 portugueses, 7500 ingleses e quadros estrangeiros que acompanharam o Conde de Lippe). Para além do

exército de linha Portugal contava também com cerca de 25000, auxiliares e ordenanças (a maioria recrutados “à *pressa e violentamente*”), utilizados em diversas funções e na guarnição de Praças, ou seja, dispersos por toda a linha fronteiriça.

O exército Franco-Espanhol contava com 30000 efectivos espanhóis e 10000 franceses (comandados pelo Marechal Príncipe de Beauvaux), sendo comandante em chefe o Marquês de Sarriá, posteriormente substituído pelo Conde de Aranda.

Perante a inferioridade numérica e a carência de equipamento militar do Exército Anglo-Português, o marechal-general conde de Lippe adopta uma estratégia defensiva (conforme é explícito no texto supra transcrito) explorando habilmente os erros do inimigo, dificultando as suas manobras, aproveitando a seu favor as dificuldades do terreno. O objectivo seria evitar a batalha e fechar ao invasor os acessos para o interior do Reino, objectivo amplamente conseguido.

Em 5 de Maio as forças espanholas entram em Portugal iniciando-se a invasão pelo Norte (por Trás-os-Montes) com o objectivo de conquistar Miranda, abrindo uma linha de invasão pelo Mondego. Contudo, os planos de invasão são alterados e o exército Franco-Espanhol concentra as suas forças na fronteira da Beira Alta com o objectivo de conquistar Almeida, a partir da qual ficaria em condições de avançar para Sul ou para Oeste. Após a conquista de Almeida o Marquês de Sarriá demite-se do cargo sendo substituído pelo Conde de Aranda no comando do exército. Em 16 de Setembro o novo comandante opta por avançar para Sul e apoderar-se de Castelo Branco, de onde poderia avançar sobre Abrantes, solução aprovada por Filipe V que antecipando-se às forças do Conde de Aranda invade a fronteira da Beira com um exército comandado pelo Marechal de França, Duque de Berwick e conquista Castelo Branco. Porém, no avanço para Abrantes encontra-se perante uma muralha natural que se prolongava entre o Tejo e o Zêzere, a Serra das Talhadas, obrigando-o a parar.

As forças que cobriam a Beira Baixa encontravam-se sob o comando do Conde de Santiago, possuindo ordens para conservar a posição pelo espaço de tempo que lhe fosse possível.

*“Com as forças do comando do Conde de Santiago, [Lippe] tenta barrar o acesso à região de Abrantes, defendendo as passagens do Rio Ocreza e das serras das Talhadas, de Alvólos e de Muradal, já que só há duas penetrantes – uma que vai de Sarzedas, Alvito e Sobreira Formosa, na direcção geral do que é hoje a estrada de Castelo Branco, Proença-a-Nova, Abrantes; e outra, mais a Norte, que de Sarnadas de S. Simão se dirige à Sertã, por Oleiros.”<sup>9</sup>*

Ao longo dos séculos XVIII-XIX, a importância da “Linha das Talhadas-Muradal”, como linha estratégica fundamental na defesa do acesso ao interior do reino e, conseqüentemente, à sua capital é de grande importância, pois constituía, conjuntamente com o relevo natural da região, um obstáculo à passagem de invasores ao longo de uma ampla faixa fronteiriça. Contudo, é sobre a penetrante, por onde passava a Estrada Real de Castelo Branco para a Sobreira Formosa (um caminho de carro de perigosa e morosa travessia entre a Ribeira do Alvito e a Catraia, ao longo de cumeadas e encostas íngremes), através da portela da Catraia (ou da Venda) que incidem os trabalhos em decurso.

---

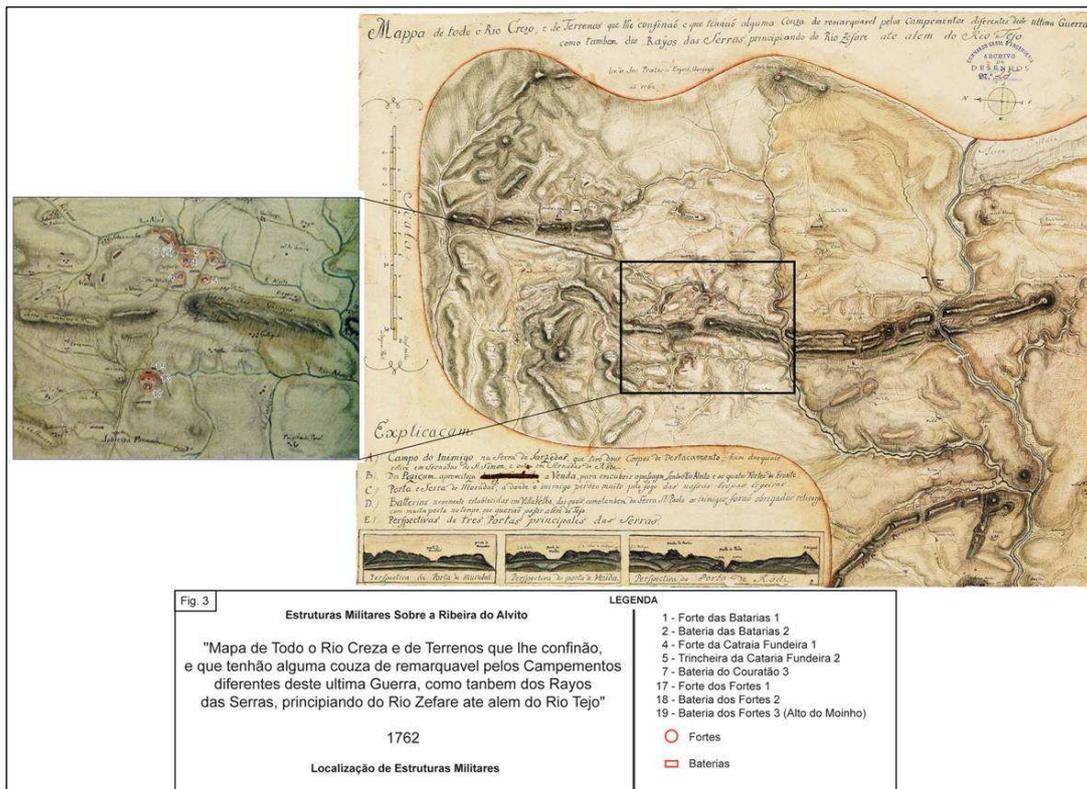
<sup>9</sup> BARRENTO, 2006, p. 69.

**O FORTE DAS BATARIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**

O Forte das Batarías integra um núcleo defensivo construído no séc. XVIII e, aparentemente, reestruturado e ampliado ao longo do séc. XIX, sendo composto por diversas estruturas militares (de diferentes tipologias e finalidades) que visavam defender a passagem da Portela da Catraia e por conseguinte o acesso a Abrantes. Aproveitando a muralha formada pela Serra das Talhadas a Oeste (que se prolonga para Sul até além do Rio Tejo), as alturas da Serra do Muradal a Norte (até ao Rio Zêzere) e o fosso criado pela Ribeira do Alvito a Este, sobre a qual as estruturas ainda hoje se encontram, o marechal conde de Lippe manda fortificar esta posição em 1762.

*“A Serra das Talhadas, embora só por si considerada inexpugnável, foi contudo, durante a campanha de 1762, fortificada pelo Conde de Lippe que “quis aumentar a força d’esta forte posição”, mandando construir vários redutos que, no dizer do Coronel Vasco Salema “os soldados de Junot [em 1807] puderam-nos admirar quando, penosamente mas sem um único tiro, subiam as Talhadas”.*<sup>10</sup>

Esta forte posição, aproveitando as alturas e os declives acentuados, domina amplamente a margem oposta da Ribeira do Alvito, constituída por terrenos mais planos e em cotas mais baixas, permitindo obter uma excelente vantagem para as forças Anglo-Portuguesas que com facilidade poderiam observar as movimentações do exército inimigo e utilizar a artilharia para o manter debaixo de fogo, situação a que este com muita dificuldade poderia responder.



**Figura 3** – Reprodução da Carta de 1762 e enquadramento da área da Portela da Catraia

<sup>10</sup> SILVA, 1976, p. 98.

**O FORTE DAS BATARIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR  
DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**

O referido conjunto defensivo, mencionado por diversas fontes ao longo do séc. XIX como sendo constituído por sete estruturas militares sobre a estrada de Castelo Branco – Sobreira Formosa na travessia da Ribeira do Alvito, encontra-se representado num mapa datado de 1762<sup>11</sup> (aguarda-se a possibilidade de consultar o original a fim de esclarecer algumas dúvidas ilegíveis nas cópias consultadas) que localiza todas as estruturas militares defensivas ao longo da Serra das Talhadas.

Presentemente já foram reconhecidas em campo a maioria das estruturas identificadas no mapa (as que possuem numeração) e outras que aqui não se encontram, devendo ser posteriores.

Em 3 de Outubro o corpo militar sob o comando do Marechal de Campo Conde de Sampaio é atacado por uma força espanhola sob o comando do Conde da Torre. Uma força de cerca de 4000 homens “*posiciona-se na região de Sarzedas frente às posições de Alvito, ocupadas por unidades do Conde de Santiago. Uma outra força de 2000 a 3000 homens avança mais a Norte, pela estrada da Pampilhosa até à região de São Simão, na estrada para Oleiros e que também está guarnecida com um batalhão*”<sup>12</sup>.

As ofensivas sobre estas duas frentes ameaçam a coesão do dispositivo do exército Anglo-Português, levando o Conde de Lippe a ordenar o reforço do corpo sob o comando do Conde de Santiago com dois batalhões e a enviar quatro regimentos de infantaria inglesa para região da Sobreira Formosa, ocupando a posição das Talhadas. “*E, com elementos dos quatro regimentos ingleses das Talhadas, reforçados com sub-unidades dos batalhões e duas peças de artilharia, estabelece uma retaguarda. À medida que se retrai o nosso dispositivo, o inimigo recomeça o avanço com lentidão, devido às dificuldades do terreno e à resistência que as unidades do Exército Anglo-Português lhe oferecem.*”<sup>13</sup>



**Figura 4** - “*Choque do Alvito. Reencontro entre as forças portuguesas do Conde de Santiago e as espanholas acampadas em Sarzedas, (...) (Desenho à pena atribuído ao Cavaleiro Faria in Notícias dos Sucessos da Guerra de Hespanha..., manuscrito da Biblioteca da Academia Militar, Lisboa).*”<sup>14</sup>

<sup>11</sup> PRETORIUS, 1762.

<sup>12</sup> Idem, p. 72.

<sup>13</sup> BARRENTO, 2006, pp. 73-74.

<sup>14</sup> Fig. 4, Reprodução de gravura e legenda retirada de BARRENTO, 2006, p. 73.

O confronto é inevitável, dando-se o reencontro entre as forças no Alvito em 3 de Outubro de 1762, quando o contingente português recuava do Alvito em direcção à Sobreira Formosa. Retirada que se traduz num sucesso, destruindo por ordem do Marechal-General todos os meios de subsistência na zona que pudessem ser utilizados pelo inimigo. O Exército invasor vê-se perante um sistema defensivo com excelentes condições, um terreno de difícil progressão, e a necessidade de mandar vir de Espanha a logística essencial para o sucesso do seu avanço.

Este confronto permaneceu ao longo dos anos na memória dos habitantes locais, passando a história de pais para filhos, conforme a ouviu e descreveu Francisco Henriques<sup>15</sup>.

*A memória popular regista referências a movimentos militares nesta zona e a um grande confronto militar na área da Catraia Cimeira “onde o sangue já chegava aos machinhos dos cavalos”.*

Por considerarmos importante para a compreensão da génese desta posição fortificada transcrevemos excertos descritivos da movimentação das forças, comandadas pelo próprio Conde de Lippe, e do “Choque do Alvito” conforme os narra Luz Soriano<sup>16</sup>.

*“O corpo de tropas, comandado pelo conde de Santiago, que da chegada do exército inimigo para cá de Castelo Branco não podia sustentar-se por mais tempo naquela parte da Beira, teve ordem de repassar em Alvito, e veio ocupar as passagens desta torrente, atravessando a estrada que vai para a Sobreira Formosa. [...].*

*Tornou-se impraticável um caminho de almocreves, que passa de Sarzedas para a Sobreira Formosa, por Alvito ao pé da serra da Venda, do lado Norte [que passaria junto à aldeia de Cerejeira]. O posto que ocupava o conde de Santiago com mil homens, duzentos cavalos e oito bocas de fogo, é forte pela frente e pelo flanco direito, enquanto se estiver na posse das alturas de Perdigão, de Vila Velha e de uma passagem ordinária do Ocreza junto da confluenta desta torrente com a do Alvito; mas ele podia ser atacado pelo flanco esquerdo. Fizeram-se pois ali alguns maus redutos de terra misturada com muita pedra. Estes postos deixavam entre si, ao longo das montanhas, mui grandes intervalos, e as montanhas verdadeiramente não são atravessadas por algum caminho; mas posto que muito altas são quase por toda a parte acessíveis à infantaria, que se pode com pequeno trabalho atravessar. [...].*

*O conde de La Torre fez passar seiscentos homens em Alvito, para poder torneiar o flanco esquerdo das tropas do conde de Santiago. [...].*

*[...] os repetidos avisos que se recebiam de Castelo Branco fazendo conhecer que tudo estava pronto para a entrada dos inimigos nas montanhas, o marechal conde de Lippe fez marchar alguns regimentos do campo de Mação para Cardigas: mandou ordem a Lord Loudoun que avançasse com quatro regimentos de infantaria inglesa adiante da Sobreira Formosa, junto às alturas de Talhadas, a fim de segurar a retirada das nossas tropas por Cortiçada, Cardigas e Mação, retirada que se tornava mui crítica, porque o conde de Lippe tinha julgado não dever retirar as tropas do conde de Santiago e os postos dependentes senão mui tarde, com o receio de que os inimigos as não carregassem em seus movimentos. [...].*

<sup>15</sup> HENRIQUES, CANINAS & CORREIA, 2002, p. 47.

<sup>16</sup> SORIANO, 1876, p.82-86.

*A 3 de Outubro ao romper do dia o marechal-general retirou das vizinhanças de Alvito as tropas do conde de Santiago: os quatro regimentos ingleses ficaram sobre as alturas de Talhadas até que os regimentos portugueses se achassem já perto de Sobreira Formosa e que as obras do posto de Santiago fossem demolidas. Os piquetes dos quatro regimentos ingleses (cinquenta homens tirados cada um destes regimentos, cinquenta dragões ingleses, vinte e quatro portugueses), com oito peças dos regimentos ingleses, faziam os corpos da retaguarda. O corpo das tropas inimigas acampado em Sarzedas, que tinha abatido as barracas desde que amanheceu, avançava à medida que as nossas tropas se retiravam pelo caminho, que vai de Sobreira Formosa, o qual, depois de descer de uma altura, passa num pequeno espaço por entre duas altas colinas assaz aproximadas, para poder formar um vale estreito. Às cinco horas depois do meio-dia, quando as nossas últimas tropas desciam da altura, que ocupavam, para entrarem no vale, os inimigos avançaram rapidamente e os seus miquetes ou guerrilhas, espingardearam perto de cinquenta cavalos que fechavam a marcha. Dois batalhões forcejaram ao mesmo tempo para ocuparem a colina, que fica à esquerda do desfiladeiro, atacaram os piquetes que ali cobriam o flanco esquerdo, fazendo para isto alguns tiros. Adiantando-se os inimigos também em força e rapidamente para as alturas vizinhas, o conde de Lippe fez prontamente contramarchar os quatro regimentos ingleses, que precediam a retaguarda, para embaraçar que os inimigos se apoderassem da colina, donde nos teriam incomodado muito. Ocultando por algum tempo o cume da montanha este movimento dos dois batalhões, que subiam para desalojar dela os piquetes, eles ficaram tão espantados da súbita aparição dos regimentos ingleses que, quando o primeiro foi visto marchando rapidamente contra eles, os dois batalhões inimigos tornaram a descer a montanha com a maior precipitação, para se irem juntar ao grosso das suas tropas, atirando-se sobre eles algumas descargas de artilharia. O corpo dos inimigos, que marchava sobre as alturas que nós acabávamos de abandonar, fez alto: nós continuámos a ocupar a altura com uma partida da retaguarda até à entrada da noite e a nossa marcha não foi mais incomodada.”*

Um relato mais singelo sobre este confronto, mas contemporâneo da acção, é escrito pela mão de Simão Coelho Torreção<sup>17</sup>, que terá participado na guerra como cadete e possivelmente participado nas movimentações que se deram nesta posição das Talhadas.

*“Demolidos os Fortes, e posta em seguro a Artilharia ordenou o Marechal Conde de La Lippe, se incorporassem os Regim.<sup>tos</sup> e formando huma grande columna de Infantaria, fez huma retirada tão airoza, q. os Castelhanos não se atreverão a atacallo, mandando q. dois Regim.<sup>tos</sup> de Infantaria Inglesa e huma grande parte da de Cavallaria, marchassem da Sovereira Formosa, aonde se achavão destacados, a incorporase com nossa columna do Campo de Alvito, e chegando a frente della, abrirão do centro para os lados, e se postarão na nossa retaguarda. Continuouse a marcha da nossa columna fazendo alto junto as vizinhas da Sovereira Formosa. Destacou o Conde de Aranda General do Exercito inimigo, huma grande partida de soldados miqueletes, e algumas Companhias de Infantaria, a picarnos a retaguarda, e chegando perto da Ribeira, forão sacudidos pelos Inglezes com tanto valor, que lhes foi preciso aos Castelhanos não continuar a marcha.*

*Fez o Conde de La Lippe queimar hum grande Armazém de Pólvora, e esperdiçar muitas farinhas, para q. os inimigos se não podessem aproveitar das nossas munições, e se pôs em marcha á Villa de Cardigos, e sendo apressada, e de noite, se guardou nella hum silencio inviolável.”*

---

<sup>17</sup> TORREÇÃO, (s/d), p. 420.

## O FORTE DAS BATARIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira

Referentes à guerra de 1762 seguramente existirão outros documentos que seria importante consultar.

Em 1801, no âmbito da Guerra das Laranjas<sup>18</sup> encontram-se referências à existência das estruturas militares na posição da Portela da Catraia bem como à construção de novos redutos, o que poderá ter implicado a reestruturação e reutilização dos existentes.

Na hipótese das forças invasoras entrarem pela Beira Baixa foi também esta região fortificada, conforme se encontra na **Fig. 5**, encontrando-se uma força militar estacionada na fronteira das Beiras. “Na zona compreendida entre o Douro e o Tejo, o total perfazia uma força de 30 mil homens, sendo 14 mil de infantaria de linha, dois mil de cavalaria, dois mil de artilharia e 12 mil milícias.”<sup>19</sup> Força esta que não interveio no conflito que se travou integralmente no Alentejo.



**Figura 5** – Mapa das Guerras Peninsulares da autoria de António Pedro Vicente, retirado de VICENTE, 2007b

<sup>18</sup> A Guerra das Laranjas foi um curto conflito militar entre Portugal e a Espanha (que contava com o apoio de um corpo francês composto por 15000 homens comandado pelo general Leclerc, cunhado de Napoleão, estacionado ao longo da fronteira em território espanhol), durante o ano de 1801, sendo considerada um precedente da Guerra Peninsular (considerada a 1.ª invasão peninsular de acordo com o historiador António Pedro Vicente). Em 20 de Maio, o exército espanhol penetrou no Alentejo, no sul de Portugal, ocupando Olivença, Juromenha, Arronches, Portalegre, Castelo de Vide, Barbacena e Ouguela sem encontrar resistência.

<sup>19</sup> VICENTE, 2007a, p. 25.

Conforme se encontra descrito na narração de Martins da Silva<sup>20</sup> acerca da Invasão Francesa de 1807:

*“No alto da Serra das Talhadas, à cota de 370m, os franceses esbarraram com o fortim que o Marquês de Alorna, em 1801, mandou construir, certamente com vista a bater os caminhos de acesso ao colo da Venda. Ainda hoje se podem ver as ruínas dessa pequena fortificação passageira, um quadrado de 20 x 20m, de paredes de terra batida revestida, nalguns pontos, a pedra, com um ligeiro fosso proveniente do movimento de terras tendo, na face Sul, descentrada, uma pequena ponte maciça e a entrada, esta relativamente estreita.”*

Ainda que nesta fonte se tenha obtido a informação relativa à construção de um fortim em 1801 por ordem do Marquês de Alorna (possivelmente o que passará a ser designado por Forte do Couratão 1), encontrou-se a menção a que seja de sua autoria, no mesmo ano, a fortificação da posição das Talhadas com três redutos e outros entrincheiramentos.<sup>21</sup> Provavelmente esta informação estará relacionada com a reutilização de algumas das estruturas existentes desde 1762 e reestruturação da posição defensiva.

Sabe-se que o Marquês de Alorna elaborou o “Plano e Disposições para a defesa da fronteira entre Tejo e o Douro, desde Vila Velha até ao Escallão”. Tendo então realizado o seguinte relato: *“Desde Villa Velha até ao Zêzere corre uma cordilheira de montanhas, que oferece só dois pontos de ataque, como já disse em outra ocasião, e vem a ser as Talhadas, e a posição formidável formidável de Sam Simão – a primeira vai ser fortificada com redutos, a segunda tem força natural, [...]”*<sup>22</sup>

Relativamente à Invasão Peninsular de 1807, cujas forças invasoras entraram em Portugal atravessando esta região da Beira Baixa (um exército francês com cerca de 26000 homens e 38 canhões e um exército espanhol com cerca de 27000 homens e 30 peças de artilharia, comandados por Junot) não se encontraram menções à fortificação e ocupação da posição da Portela da Catraia. O que se compreende dadas as ordens régias para não se disparar um tiro. Porém, são diversas as referências a esta posição defensiva aquando da passagem do exército francês por ela (algumas já anteriormente transcritas).

O próprio Junot escreve a Napoleão reconhecendo que o caminho até Abrantes é muito mau e as vias quase intransitáveis. O penoso percurso é feito sob chuva intensa perdendo-se equipamento e homens (cerca de duas centenas) na sua travessia. O General Thiébault, chefe do Estado Maior do Exército Francês, declara no seu relatório apenas a perda de um cofre de munições e uma única viatura com o seu equipamento (possivelmente uma peça de artilharia), que se teriam despenhado nas íngremes encostas da estrada que atravessa do Alvito para a Catraia e por lá terão ficado abandonados<sup>23</sup>. O que na opinião de Martins Silva poderá tratar-se de uma tentativa de minimizar as dificuldades sentidas e perdas sofridas.

Segundo o autor: *“A tradição refere que, durante muitos anos, esteve abandonado na região do Alvito um canhão “que pertencera aos franceses” e que já neste século, fora levado para Castelo Branco, ficando a ornamentar o quartel do então Regimento de Obuzes de Campanha (1917-1926). Efectivamente, no edifício do extinto quartel do Regimento de Cavalaria 8 encontra-se*

<sup>20</sup> SILVA, 1976, p. 100.

<sup>21</sup> Wikipédia, Pedro José de Almeida Portugal ([pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org))

<sup>22</sup> HENRIQUES, CANINAS & CORREIA, 2002, p. 53.

<sup>23</sup> SILVA, 1976, p. 99.

*uma peça em ferro, aparentando ser do final do século XVII mas em muito bom estado de conservação, sem quaisquer legendas a não ser ter gravado, no topo dos munhões, uma pequena águia e um “F”. Estes sinais talvez tivessem originado a crendice que era uma peça francesa, o que não corresponde à verdade. (O canhão que se encontra no Antigo Regimento de Cavalaria 8 é de ferro o que leva, à priori, a excluir a ideia de ter pertencido ao Exército Francês, que somente estava dotado de peças de bronze. Pelas suas características deve tratar-se de um dos canhões que, em 1641 foi enviado da Suécia, sendo conhecido pelo nome de “Finbanker”, modelo típico da fundição de Finspong. Este canhão talvez tivesse sido uma das 10 bocas de fogo, de ferro, que guarnecia um dos sete redutos da posição das Talhadas.)”<sup>24</sup>*

É de destacar também a seguinte passagem de Martins Silva, na qual refere as fortificações das Talhadas e o reconhecimento do seu potencial defensivo por um oficial francês, ainda para mais quando o seu exército se encontrava impotente caso se desse um confronto: *“Passado o fortim das Talhadas – uma das sete fortificações que defendiam o “desfiladeiro das Talhadas” – o General Thiébault não pode deixar de comentar “et chacun fut frappé de l’idée que, si deux mille hommes nous y avaient attendus, nous l’eussions point passé, et l’armée eût été perdue”.*”<sup>25</sup>

Por fim transcreve-se o importante testemunho de um relatório de reconhecimento do estado em que se encontravam as posições defensivas da Beira Baixa e das disposições a fazer para as deixar de prontidão na eventualidade de uma invasão, realizado em 1810 (provavelmente prevenindo a possibilidade de Napoleão tentar novamente invadir Portugal por esta região) pelos Ajudantes de Campo Marquês de Castello Melhor e Manoel José Dias Cardosos “pelas Linhas de posição de Talhadas, Aguas Quentes e S. Domingos”.<sup>26</sup>

Este valioso relatório atribui nomes a todos os redutos existente, possivelmente teriam em sua posse cartografia idêntica à de 1762, reproduzida na **Fig. 3**, contudo não nos é possível identificar a estrutura e a denominação que lhe pertence (aguarda-se cópia com qualidade que permita ler as legendas que se encontram sob as estruturas desenhadas na **Fig. 3**, possivelmente os referidos nomes).

No que diz respeito à posição das Talhadas e apenas transcrevendo o que encontraram em campo:

*“Para defender esta posição há sette reductos guarnecidos com doze peças de Artilheria, duas das quais são de bronze, montadas em reparos de Campanha, trez destes reductos a saber: do Carmo, S.<sup>to</sup> António, e Conceição. Estão bem colocados, batendo de enfiada a estrada que vem de Castello Branco até às margens do Alvito, e ao mesmo tempo a margem esquerda deste rio em diferentes sentidos, de maneira que cruzão os tiros eapresentão duas linhas de fogo ao inimigo: as de S.<sup>ta</sup> Barbara, S. Jorge, e S. Pedro batem a Estrada de Castello Branco, talvez na distancia do seu máximo Alcance, tomando depois aenfiada muito à quem do rio em huma pequena porção já no alcance de metralha, e o de S. Braz bate também muita à quem do Alvito huma pequena porção de huma estrada de carro, que apartando-se daEstrada Real o vem passar ao pé da Cerejeira: esta Estrada foi mandada cortar em 1762 pelo Marechal Lipppe e também agora o está; mas como ella he batida só àquem do rio o inimigo pode passá-la impunemente, e involver as outras Baterias evitando o Corte.”*

<sup>24</sup> SILVA, 1976, p. 99.

<sup>25</sup> Idem, p. 100.

<sup>26</sup> CASTELLO MELHOR & CARDOSO, 1810.

Provavelmente trata-se do corte de estrada que o conde de La Torre mandou contornar, fazendo passar seiscentos homens para torneir o flanco esquerdo das tropas do conde de Santiago, em 1762. Corte este (Corte de Via da Cerejeira 1) que ainda hoje é visível, tal como a referida via (Via com trilhos da Cerejeira). Na memória popular ainda permanece a ligação desta “cortadura” às invasões, mas sempre referindo os franceses.

A posição das Talhadas não se encontrava desprovida de retaguarda, encontrando-se garantida a protecção da retirada de uma coluna militar, obedecendo às regras militares, vinda da posição de vanguarda, encontrando-se diversas estruturas militares dispostas em pontos estratégicos ao longo da Estrada Real. Assim é relatado no mesmo relatório:

*[...]; a retirada de Talhadas para Cardigos he quaze sempre vantajoza tendo apenas hum passo mão em frente da Sobreira Formoza, junto à ribeira da Fróia, à quem desta Ribeira há hum reducto construído em 1801 (segundo dizem, pelos Inglezes) que mostra necessidade de occuparmos aquelle ponto com duas das nossas peças ligeiras para favorecer a retirada; he muito boa a communição daquele ponto da Sobreira Formoza. Sobre a Ribeira de Pocariço temos huma posizão muito boa para cobrir a retirada, eoutra muito melhor sobre a Ribeira de Mezão Frio, podendo esta ultima ser occupada por maiores forças que demorem o inimigo em quanto as nossas Tropas tomão novos alentos para acabarem a retirada que he mà passando Cardigos por espaço de três quartos de Légua pouco mais ou menos; [...].”<sup>27</sup>*

Surge aqui uma contradição dado que o mapa de 1762 (**Fig. 3**) assinala um reduto e baterias sobre a Ribeira da Fróia (Forte dos Fortes 1, Bateria dos Fortes 2 e Bateria dos Fortes 3). A confusão poderá advir da sua possível reutilização em 1801, tendo permanecido esta na memória.

Quanto à posição do Pucariço ainda se podem encontrar duas trincheiras estrategicamente situadas entre o Pucariço e o Vale de Urso, protegendo a travessia do vale da Ribeira da Sarzedinha (Trincheira de Vale de Urso 1 e Trincheira de Vale de Urso 2). Possivelmente outras estruturas similares encontrar-se-ão no Pucariço protegendo aqui a travessia do vale atravessado pelo Ribeiro do Pucariço.

Nos três casos áreas críticas onde uma coluna em retirada encontraria dificuldades e atrasos.

Muitas destas estruturas ainda são visíveis no terreno e boa parte delas já foi reconhecida. Há agora que arranjar meios e apoios para localizar as que ainda não foram encontradas, estudar e preservar todo o sistema defensivo da Linha das Talhadas-Muradal, um sistema de extrema importância nos séculos XVIII-XIX que se encontra ameaçado pela construção de estradas, reflorestação e pelo esquecimento.

---

<sup>27</sup> CASTELLO MELHOR & CARDOSO, 1810, p. 451.



**Fotografia 1** – Vista geral da posição das Talhadas (Forte das Baterias assinalado a vermelho) com Serra do Muradal em segundo plano.

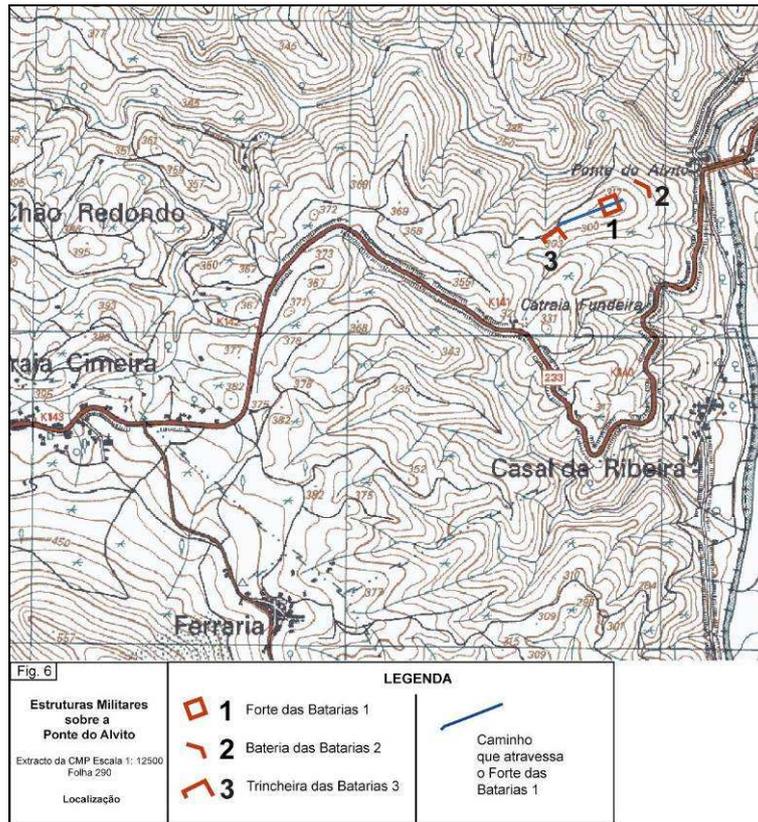
## Intervenção Arqueológica

Os trabalhos arqueológicos decorreram entre Maio e Julho de 2007 no Forte das Baterias, concelho de Proença-a-Nova, freguesia de Montes da Senhora.

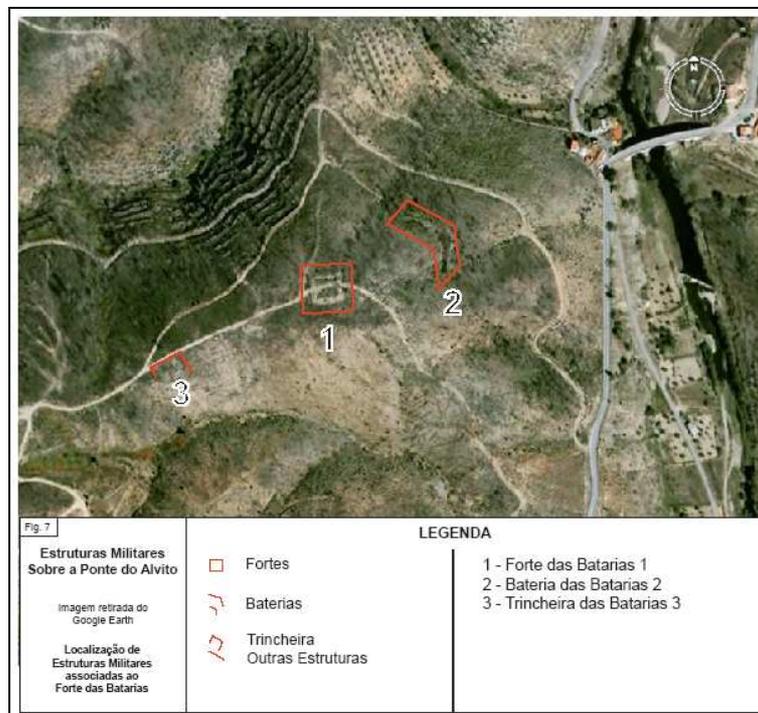
O microtopónimo Baterias é atribuído ao monte, onde o forte se situa, pela população local, dada a existência de uma bateria e uma trincheira no mesmo monte, permanecendo na memória popular estas estruturas como sendo construções militares do “tempo dos franceses”. Curiosa afirmação fez uma das proprietárias dos terrenos onde este forte se encontra: “Nós sempre aproveitámos o terreno para plantar pinheiros e colher a resina, mas isto não é mesmo nosso, pertence aos militares.”

Localizado na plataforma xistosa (com algum quartzo leitoso) que envolve a crista quartzítica das Talhadas, encontra-se implantado no topo de um monte, bem destacado na paisagem, sobre a Ribeira do Alvito, a uma altitude de 317m. O Forte das Baterias (N.º 1 das **Fig. 6 e 7**) encontra-se numa posição frontal sobre a actual ponte do Alvito dominando amplamente o horizonte para os lados de quem vem de Castelo Branco. Neste local da estrada de Castelo Branco para a Sobreira Formosa seria feita a travessia da ribeira por barca ou a vau, em tempos anteriores à construção da ponte.

**O FORTE DAS BATERIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**



**Figura 6** – Localização do Forte das Baterias e estruturas associadas (extracto da CMP 290)



**Figura 7** – Localização do Forte das Baterias e estruturas associadas (imagem retirada do Google Earth)

**O FORTE DAS BATARIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR  
DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**

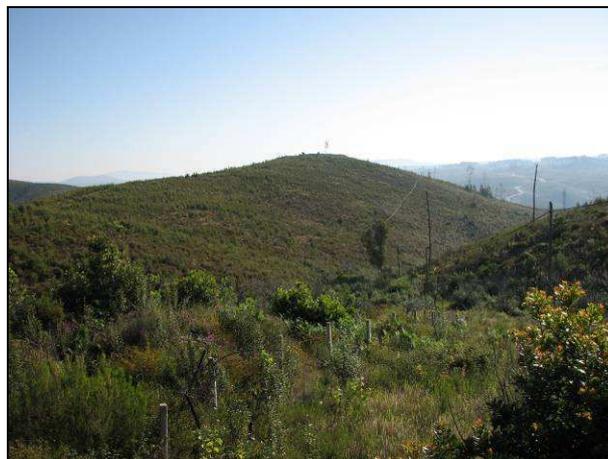
O Forte das Batarías era parte integrante de uma posição defensiva que tinha como função fechar a passagem de exércitos invasores através da estrada que passava pela Portela da Catraia, sendo esta posição constituída por diversas estruturas dispostas em pontos estratégicos.

Sendo a primeira vez que se realizam trabalhos arqueológicos numa estrutura desta tipologia e época em Portugal (pelo menos não se tem conhecimento de outra intervenção no país, excepto na Bateria da Achada em Vila Velha de Ródão e supostamente noutra bateria na zona do Porto), levava-se para campo uma ideia simplista dos trabalhos a realizar, prevendo-se cerca de um mês e meio para executar os trabalhos no Forte das Batarías e na Bateria das Batarías (onde ainda se iniciou a desmatação e a abertura de um acesso), esta localizada na encosta a poucos metros do forte. Supostamente tratar-se-iam de estruturas provisórias de campanha, “maus redutos de terra e pedra”, logo estruturas simples sem grandes metodologias construtivas.

De facto não poderíamos estar mais enganados, trabalhou-se durante dois meses e meio apenas no Forte das Batarías, tendo-se deparado com uma estrutura que obedece a todas as normas da engenharia militar da época, possuindo estruturas negativas no interior, fossos e muros de contenção dos taludes, canhoneiras e outras estruturas, ficando ainda por escavar os fossos Norte e Sul.

Tendo sido esta região percorrida por violento incêndio em 2003, encontra-se actualmente com coberto arbustivo denso, constituído essencialmente por esteva, urze e pinheiro jovem que floresce espontaneamente. As árvores adultas são raras e muito dispersas, existindo grande densidade de manta morta originada por troncos e ramos queimados.

Na área do forte a ocupação do solo é idêntica, tendo existido no seu interior medronheiros de grande porte que se encontravam de novo em desenvolvimento. Toda a estrutura possuía pinheiros, tendo apenas sobrevivido um, que ali permanece como se de um monumento ao incêndio se tratasse. A plantação de pinheiros e o desenvolvimento das suas raízes afectaram bastante as estruturas, contudo este plantio foi executado sem recurso a maquinaria pesada pelo que não houve uma destruição significativa.



**Fotografia 2**

**O FORTE DAS BATARIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA,** Mário Monteiro e André Pereira

Na data de início dos trabalhos arqueológicos o forte encontrava-se camuflado pela vegetação (**Foto 2**) e por grandes quantidades de ramos queimados, sendo frequentes cepos e buracos correspondentes a cepos e raízes que arderam totalmente deixando apenas o seu negativo.

A destruição mais significativa foi feita por maquinaria pesada que abriu um caminho no sentido Oeste–Este, a atravessar o forte, destruindo parcialmente a entrada e abrindo um rombo no talude Este (**Foto 3**), sensivelmente a meio deste.



**Fotografia 3**

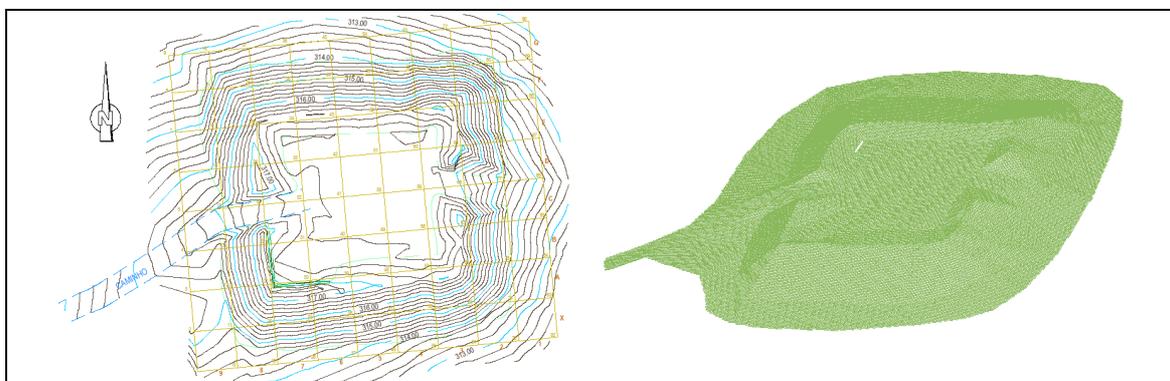


**Fotografia 4**

Para além desta situação o interior do forte foi utilizado por madeireiros, que subiram com maquinaria para cima dos taludes Norte e Sul de modo a arrastar e carregar grandes troncos de pinheiro, vestígios que se encontravam bem presentes no solo, originando o desmoronamento de alguns troços do muro que delimita o contorno interno do forte. Toda a ramagem sem valor comercial ficou dispersa no solo e depositada no fosso Oeste de ambos os lados da entrada. Encontrava-se também no lado Sul do fosso Oeste um volumoso despejo com restos de vidros e caixilharia de alumínio.

No interior apenas eram visíveis alinhamentos que faziam subentender a existência de um muro interno, que somente era visível no canto SO (**Foto 4**).

Em fase anterior aos trabalhos arqueológicos foi executado um levantamento topográfico do forte, tendo ficado marcado o Ponto 0 na Quadricula E3 à cota 316.93m – no topo do talude, de modo a salvaguardar-se a topografia do sítio em caso de uma eventual destruição e para permitir construir um arquivo o mais completo possível de toda a intervenção arqueológica (**Fig. 8**).



**Figura 8** – Levantamento Topográfico, antes do início dos trabalhos, em planta e em 3 dimensões

**O FORTE DAS BATERIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR  
DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**

O forte possui uma entrada virada a Oeste, no sentido da cumeeada que lhe dá acesso, sendo este o único lado do monte que tem uma inclinação que permite uma fácil aproximação ao forte. Toda a envolvente apresenta uma pendente bastante acentuada.

Na primeira fase dos trabalhos procedeu-se à limpeza e desmatação do monumento e de toda a envolvente até cerca de 20m de distância deste.

Os trabalhos foram executados manualmente com o auxílio de meios mecânicos de corte (roçadora de disco - **Foto 5** - e moto-serra), tendo sido toda a ramagem, manta morta e lixo carregados (**Foto 6**) e transportados para o vazadouro municipal.



**Fotografia 5**



**Fotografia 6**

Após a limpeza e desmatação implantou-se uma quadriculagem (quadriculas de 5m x 5m) na área de intervenção de modo a permitir uma correcta localização dos registos a efectuar. Este trabalho foi realizado pela equipa de topografia da Câmara Municipal.

As quadriculas foram implantadas com uma orientação perpendicular às paredes internas do forte, tendo sido atribuída a numeração de 1 a 9 no sentido Este-Oeste (perfazendo uma área com 45m) e as letras X, A a G no sentido Sul-Norte (perfazendo uma área com 40m), sendo no canto SE o início da quadriculagem. A atribuição da letra "X" no canto SE deveu-se a um erro tardiamente detectado, tendo-se optado por esta designação para preencher a lacuna.

O interior do forte possui sensivelmente 21m no sentido Sul-Norte e 20m no sentido Este-Oeste. Na área exterior dos fossos possui um total de cerca de 35m x 35m.

A escavação foi realizada manualmente, com pico, colherim, enxada, picareta e pá, sendo adoptadas as ferramentas a utilizar consoante o trabalho a executar a sensibilidade da área e o potencial arqueológico que apresentava.

Face à época e tipo de ocupação do espaço as terras removidas não foram crivadas, tendo ajudado na decisão de adoptar esta medida o facto de serem constituídas por sedimentos com grande quantidade de pequenas lâminas de xisto e encontrarem-se muito húmidas e pastosas, dado que frequentemente choveu na região.

Todos os trabalhos realizados foram alvo de meticuloso registo gráfico, fotográfico e topográfico (recorrendo-se à utilização de um nível para obtenção de cotas).

**O FORTE DAS BATERIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR  
DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**

No decurso da escavação as áreas onde se intervinha respeitaram as quadrículas previamente delimitadas, de modo a permitir identificar o posicionamento dos registos gráficos, fotográficos e materiais exumados.

A intervenção arqueológica incidiu no interior da estrutura e no exterior no fosso Oeste e fosso Este. Nos taludes apenas se escavou na área correspondente às Canhoneiras e colocou-se a descoberto o topo dos muros internos e dos muros de contenção do talude no lado Este.

Nos taludes foram preenchidos com idêntico sedimento, retirado no decurso da escavação, os buracos de raízes queimadas e trilhos originados pela circulação de viaturas e arrasto de troncos, derivados dos trabalhos dos madeireiros.

Os cepos cuja remoção não colocava em perigo a consolidação dos taludes ou as estruturas no interior do forte foram removidos. No caso dos cepos de medronheiros que se encontravam a rebentar, quando a remoção não foi possível aplicaram-se produtos químicos para os secar de modo a impedir o seu crescimento e consequente destruição das estruturas existentes.

Os cortes efectuados por máquina de arrasto, aquando da abertura do caminho que atravessava o forte, foram acertados de modo a observar a organização e composição dos taludes e a registá-los gráfica e fotograficamente.

Aproveitando o rombo no talude Este abriu-se uma vala de sondagem com 1m de largura até ao substrato rochoso, ficando alinhada com o corte a Norte em toda a extensão do talude.

Escavou-se por Unidades Estratigráficas, sendo que a primeira unidade, que cobria integralmente a estrutura, era constituída por uma camada de terra humosa enegrecida pelo incêndio e pedras soltas, sendo a espessura variável (em geral pouco espessa).

O muro interno do forte apresentava-se na quase totalidade (excepto no canto SO) oculto pelo derrube, constituído por uma camada pétreia coberta por sedimentos amarelados derivados de escorrimentos do talude. Só após a remoção da camada humosa se começaram a observar alinhamentos correspondentes ao topo do muro (**Foto 7**).



Fotografia 7



Fotografia 8

Todos os derrubes foram removidos excepto nalguns pontos em que a sua remoção ameaçava fazer ruir troços em mau estado das paredes internas do forte. Nestes casos o derrube permanecerá *in situ* até serem realizados trabalhos de restauro e consolidação.

**O FORTE DAS BATERIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR  
DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**

De ambos os lados da face interna da entrada (**Foto 8**) e da abertura/destruição do talude Este encontravam-se amontoados de pedras e terra, derivados do arrasto originado por máquina aquando da abertura do caminho, sendo na segunda situação amontoados de pequena dimensão em comparação com os da entrada.

Na área da quadrícula C6 observava-se uma ligeira concavidade no solo, existindo no local espessos cepos de medronheiro, área onde posteriormente se identificou uma estrutura negativa, que deverá corresponder a um paiol (**Foto 9 e 10**).

O piso interno do forte possuía uma camada de sedimentos compactados pelo contínuo pisoteio e circulação de viaturas, tendo sido integralmente removido, ficando toda a área no substrato rochoso.



**Fotografia 9**



**Fotografia 10**

O fosso Oeste (de entrada) encontrava-se preenchido com espessa camada de sedimentos, derivados da escorrência do talude (**Foto 11**), tendo sido integralmente removida esta camada até ao substrato rochoso correspondente à abertura do fosso original.



**Fotografia 11**

Igual metodologia se adoptou no local onde se esperaria encontrar o fosso Este, contudo neste lado é inexistente um fosso existindo um muro de contenção das terras do talude, que permaneceu *in situ*.

**O FORTE DAS BATERIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR  
DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**

Nos fossos Norte e Sul não houve intervenção arqueológica, todavia observa-se uma ligeira concavidade em toda a extensão que deverá corresponder a um fosso pouco profundo, sendo provável que ambos possuam muros de contenção dos taludes. No fosso Norte, tal muro é observável nos cortes realizados pelos fossos Oeste e Este. Já no fosso Sul apenas se identificou a continuação do muro na esquina com o fosso Este, enquanto que no corte correspondente ao fosso Oeste não são visíveis vestígios deste. Porém, encontram-se dispersos à superfície grandes blocos de xisto, dispostos ao longo do fosso, que poderão corresponder a derrubes ou destruição de um eventual muro de contenção.

Todas as camadas foram retiradas metodicamente de modo a efectuar os devidos registos, ficando todo o interior e estruturas existentes a descoberto.

Tendo por objectivo o futuro restauro, consolidação e musealização do espaço deixaram-se *in situ* todas as estruturas (intactas ou partes conservadas) constituintes do forte que se consideraram de interesse científico e didáctico.

No decurso dos trabalhos foi desmontado cerca de 50cm da passagem, sobre o fosso Oeste, que dá entrada no forte. O suficiente para impedir a entrada de veículos no seu interior, como anteriormente já tinha acontecido em períodos em que a equipa não se encontrava no local.

No final da campanha todas as estruturas foram cobertas com geotêxtil e terras retiradas no decurso da escavação. Na área das estruturas negativas foi construído um estrado com vigamento e pranchas de madeira de modo a proteger as estruturas e evitar acidentes com visitantes. O estrado foi coberto com plástico e terra, deixando-se aberturas laterais de modo a permitir a respiração e secagem dos espaços. Toda esta área foi vedada com barras de ferro e fita sinalizadora afim de impedir a passagem sobre o estrado de madeira (**Foto 12**).



**Fotografia 12**

Foi também colocada uma placa informativa no exterior do forte avisando os visitantes dos perigos existentes e solicitando o não-pisoteio das estruturas cobertas nem circular sobre os taludes. O caminho de acesso ao forte ficou vedado com uma linha de troncos de madeira para fechar o acesso a veículos.

No decurso dos trabalhos foram convidados a visitar a escavação o Dr. José Luís Monteiro, da Direcção Regional de Castelo Branco do Instituto Português do Património Arquitectónico

**O FORTE DAS BATARIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR  
DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**

(IPPAR) e o Dr. Carlos Banha, da Extensão da Covilhã do Instituto Português de Arqueologia (IPA), que se deslocaram ao terreno logo que lhes foi possível, tendo ambos concordado com a metodologia adoptada e com o plano de trabalhos a realizar.

A Equipa de Trabalho e Apoios

Os trabalhos arqueológicos foram dirigidos pelo Arqueólogo Mário Monteiro, com a colaboração da Arqueóloga Fátima Costa. Porém, devido a problemas pessoais esta arqueóloga apenas permaneceu nos trabalhos durante dez dias, tendo então sido substituída pelo Arqueólogo André Pereira. No último mês de trabalho a equipa foi reforçada pela Arqueóloga Sandra Clélia.

Todos os registos fotográficos foram realizados por Mário Monteiro, ficando os registos gráficos a cargo de Sandra Clélia e André Pereira.

Pontualmente obteve-se a colaboração de Nuno Félix, Técnico de Arqueologia e de Restauro da Câmara Municipal de Castelo de Vide e dos Arqueólogos Francisco Henriques e João Carlos Caninas da Associação de Estudos do Alto Tejo.

A mão-de-obra não especializada e a logística ficaram a cargo da Câmara Municipal de Proença-a-Nova.

Participaram nos trabalhos: Maria Manuela Pereira, Zaira Lourenço, António Fernandes e Abílio Antunes, contratados através do Centro de Emprego; Abílio Dias Pedro, Manuel Gonçalves, João Branco e Manuel Lourenço, funcionários do Departamento de Jardins da Câmara Municipal.



**Fotografia 13** – Equipa de Trabalho (alguns dos elementos)

Obteve-se também o auxílio da equipa do Departamento de Estradas da Câmara Municipal na limpeza e remoção de ramagens e manta morta no início dos trabalhos, tendo esta equipa iniciado os trabalhos de desmatação na Bateria das Baterias.

Em campo permaneceram diariamente entre seis a oito escavadores (contando com os Arqueólogos), uma equipa pequena para o trabalho que havia a fazer. Contudo, todos os que participaram evidenciaram facilidade em se adaptar aos trabalhos e cuidados exigidos, constituindo uma equipa entusiasta, curiosa e acima de tudo trabalhadora, valência que colmatou a falta de mais elementos.

Foi também fundamental o apoio fornecido por elementos dos quadros técnicos da Câmara Municipal que facultaram meios e pessoal para que os trabalhos avançassem, nomeadamente: a Arquitecta Isabel Gaspar (que chegou a participar na escavação com familiares e amigos seus), o Sr. Jorge Verganista, o topógrafo Nuno Caetano com um assistente e o Sr. Jorge Sequeira.

Há ainda que destacar e louvar o interesse e apoio do Sr. Presidente da Câmara Municipal de Proença-a-Nova Eng<sup>o</sup>. João Paulo Catarino, do Sr. Vereador da Cultura Professor João Manso, do Sr. Vice-Presidente Dr. João Manuel Lobo e da Professora Lurdes Guterres do Centro Ciência Viva da Floresta.

Contactaram-se diversos especialistas em História Militar, Arquitectura e Engenharia Militar da época, no sentido de obter a sua colaboração na interpretação das estruturas postas a descoberto. Infelizmente todas as tentativas foram goradas por falta de tempo dos especialistas contactados.

Os trabalhos despertaram a curiosidade e verdadeiro interesse por parte da população local, que frequentemente visitava a escavação, fornecendo a localização de estruturas e vestígios arqueológicos e transmitindo-nos a memória que possuíam acerca de como era o forte, o que constituiu um verdadeiro apoio para a compreensão do espaço, identificação de sítios arqueológicos de diversos períodos e para a nossa vontade de contribuir para a História local.

## **Dados Adquiridos na Escavação**

*“Falar de Fortificação como Ciência só é possível quando se associa à técnica de construção defensiva um carácter científico, imposto por condicionalismos geométricos, matemáticos, topográficos, estratégicos que muitas vezes são também estéticos, e ainda com o aparecimento de uma classe profissional que passa a deter a responsabilidade de estudar, planejar, projectar e construir as fortalezas: os Engenheiros/Arquitectos Militares.”<sup>28</sup>*

A complexidade de infra-estruturas identificadas permitiram apreender que não estamos perante uma estrutura de campanha, provisória e de “má construção”, mas sim construída com grande investimento de planeamento e mão-de-obra, tendo como objectivo ali permanecer para ser utilizada sempre que o perigo de invasão ameaçasse o país (**Fig. 9 e 10**). Os numismas exumados em associação com momentos de condenação de infra-estruturas do forte permitiram identificar dois momentos de ocupação.

---

<sup>28</sup> BERGER, 2008, p. 9.

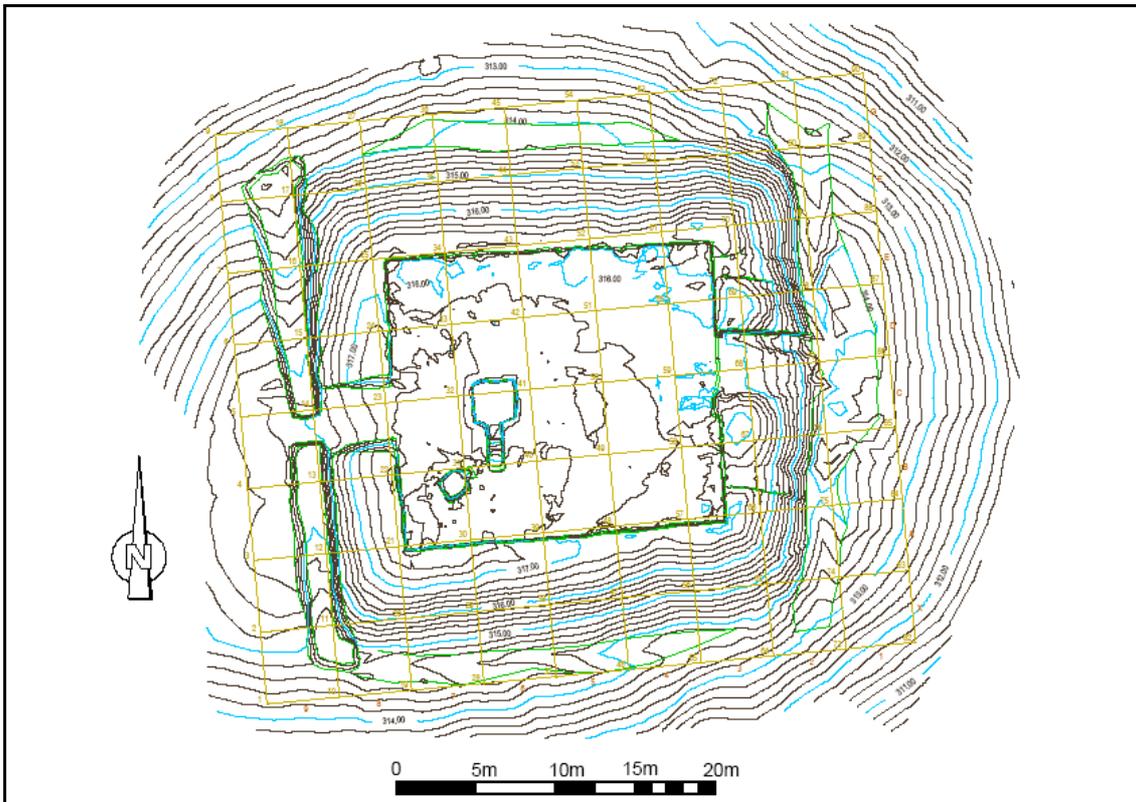


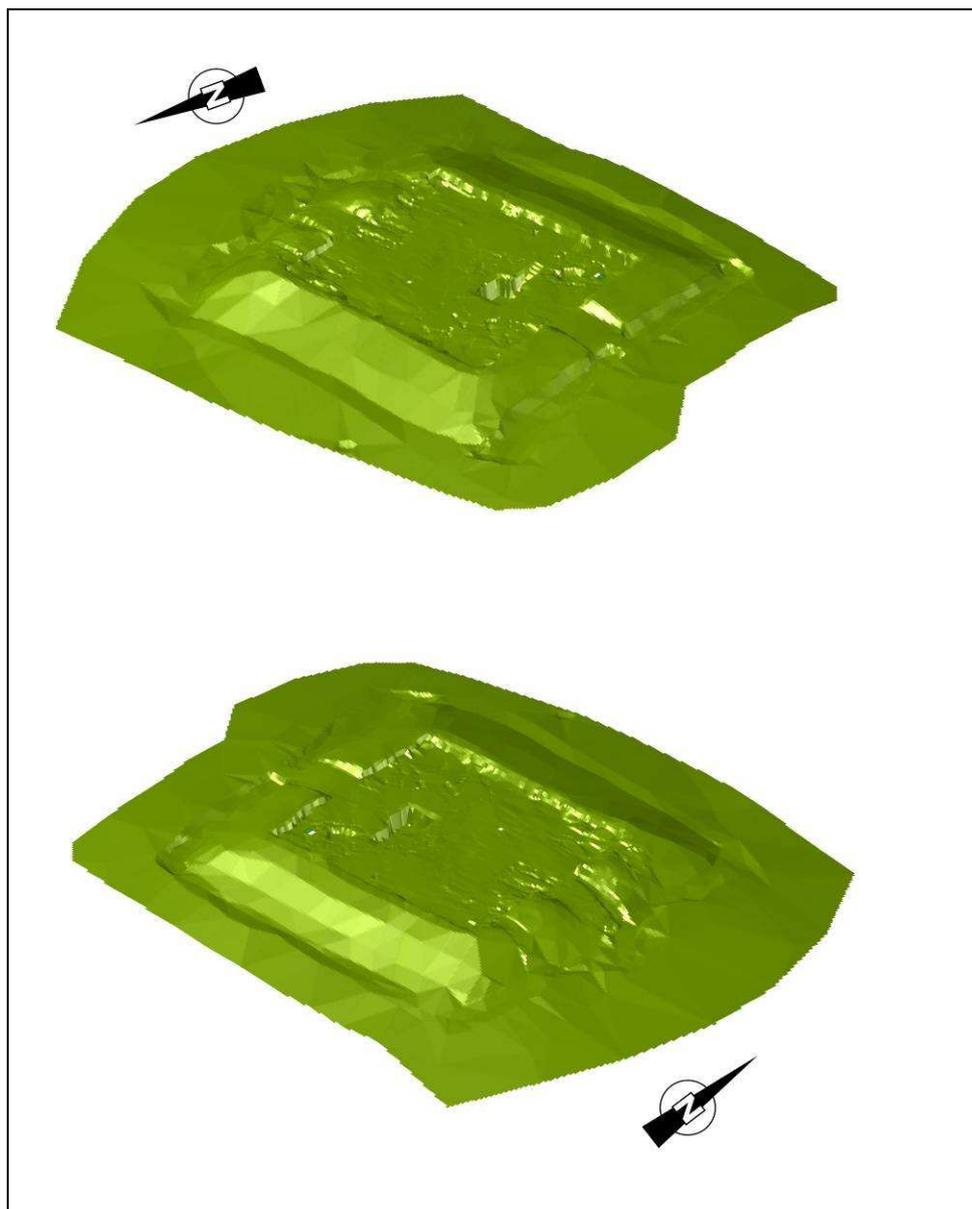
Figura 9 – Levantamento topográfico após a conclusão dos trabalhos arqueológicos

Analisando a metodologia construtiva do Forte das Baterias e da Bateria da Achada, ambos na Serra das Talhadas mas em extremos opostos, apercebemo-nos que o aspecto mais débil ou robusto apenas tem a ver com a matéria-prima disponível (não temos aqui os bons calcários utilizados nas fortificações das Linhas de Torres) e não com o facto de serem estruturas provisórias.

Após a conclusão dos trabalhos obtiveram-se dados que permitiram aferir tratar-se de uma estrutura de boa construção respeitando a técnica de construção defensiva da época, com vestígios de utilização e duas fases de ocupação.

Houve uma prévia terraplanagem para nivelamento do monte de modo a permitir a construção de todas as infraestruturas do forte e garantir a sua durabilidade e funcionalidade.

A constituição do solo, composto por xistos argilosos alterados e de má qualidade para a construção, seguramente facilitou os trabalhos de escavação, por outro lado terá dificultado a edificação de estruturas em pedra, uma vez que a rocha existente (laminar e muito quebradiça) não permite extrair e aparelhar grandes blocos, bem como a criação de taludes duráveis devido ao substrato geológico (de tonalidade amarelada) possuir grandes quantidades de pequenas lamina de xisto, tornando-se por isso bastante solto.



**Figura 10** – Levantamento topográfico após a conclusão dos trabalhos, imagens a 3 dimensões

Para compensar a dificuldade em conter os taludes deverão ter sido escavados socalcos (quatro socalcos) nas encostas mais íngremes tendo por finalidade a sustentação das terras que os constituem. Todavia, esta não passa de uma hipótese tendo em conta que este dado apenas foi identificado do lado Este onde se abriu sondagem com 1m de largura até ao substrato geológico (entre as quadrículas D2 e D3), aproveitando o acerto do corte na área de destruição efectuada pela abertura do caminho. Para além deste método, foram também construídos muros de contenção dos taludes, para evitar o deslizamento das terras, situação igualmente detectada no lado Este, mas sendo que neste caso se observam evidências de se prolongar para os lados Sul e Norte, onde os taludes possuem maior altitude e as encostas inclinação acentuada. O fosso é inexpressivo a Este, mas dado o desnível acentuado do terreno, a existência de um muro e a altitude do talude essa ausência é amplamente compensada (**Fotos 14 e 15**).



Fotografia 14



Fotografia 15

O muro de contenção a Este assenta sobre a rocha encontrando-se em mau estado de conservação, apresentado grande quantidade de blocos de xisto correspondentes ao seu derrube, pelo que é impossível determinar a altura que possuía. Os derrubes preenchem a área do fosso, que neste caso deverá ter sido aberto com o único intuito de extrair pedra (Foto 16).



Fotografia 16

O fosso Oeste corresponde à frente com melhor acesso (cumeada por onde passa o caminho) onde se encontra a entrada do forte. Foi integralmente escavado na rocha e possui uma profundidade máxima de aproximadamente 1m, na cota mais alta em frente à entrada, por 2m de largura, reduzindo a profundidade para os lados Sul e Norte à medida que a encosta apresenta uma pendente mais acentuada e, por conseguinte, maior dificuldade em aceder ao interior do forte (Foto 17). Em frente à entrada o fosso apresenta menor largura, cerca de 1,50m. Nos sedimentos retirados do interior do fosso foram exumados raros materiais cerâmicos e em ferro (pregos e cravos).

**O FORTE DAS BATARIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR  
DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**



Fotografia 17



Fotografia 18

Na fase de construção o fosso encontrava-se integralmente aberto, tendo sido posteriormente interrompido, a toda a largura da entrada do forte (**Foto 18**), com blocos de pedra sobreposta e terra com uma camada de terra argilosa e compacta a cobri-lo (**Foto 19**), passando a constituir uma passagem fixa com cerca de 2 m de largura (localizada nas quadriculas C8 e D8). Devido a problemas com visitantes que circulavam com viaturas no interior do forte optou-se por desmontar cerca de 50cm da passagem do lado Norte, deixando-se apenas um testemunho da sua largura original no fundo do fosso (**Foto 20**).



Fotografia 19



Fotografia 20

Deverá constituir um testemunho de uma segunda ocupação com/ou reestruturação do forte, uma vez que não tem lógica a execução de um trabalho de escavação para posterior alteração, tendo sido exumada uma moeda de 3 vinténs em prata de D. Maria I na camada de terra que cobria a estrutura do lado Sul. Do lado Norte foi recolhido à superfície um fragmento de um artefacto em cobre que deverá corresponder à boca de um polvorinho.

O interior do forte é delimitado na totalidade por um muro pétreo de aparelho irregular em blocos de xisto e raros fragmentos de quartzo leitoso, utilizando argila como matéria ligante, possuindo em geral cerca de 60cm de espessura. Encontra-se na generalidade em mau estado de conservação, sendo no canto SO que se encontram os troços de muro melhor preservados, possuindo cerca de 1m de altura (**Foto 21**). Dada a quantidade de pedra nos derrubes do muro esta deveria ser a altura que possuía originalmente. A construção do muro deverá ter sido em consonância com o talude, erguendo-se gradualmente até à altura desejada.

**O FORTE DAS BATARIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR  
DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**

A entrada deveria ser igualmente estruturada com muros de idêntica tipologia, possuindo largura um pouco superior ao da passagem fixa sobre o fosso, porém esta foi destruída pela abertura do caminho (que abriu um rombo com cerca de 2,80m), deixando apenas as primeiras fiadas de pedra até à esquina com o interior do forte no lado Norte (**Foto 22**). Do lado Sul não se identificaram vestígios de muro. No acerto do corte Sul do talude exumou-se grande quantidade de pregos e cavilhas que poderão corresponder a uma estrutura em madeira associada à entrada do forte, possivelmente para fechar a mesma.



Fotografia 21



Fotografia 22



Fotografia 23

Igualmente associadas à entrada encontram-se duas estruturas quadrangulares (quadrículas D7 e C7), formadas por um empedrado em xisto, colocadas do lado interno, dispostas uma em cada lado da entrada e afastadas cerca de 50cm do muro interno. Estas estruturas sugerem posições para sentinelas podendo também estar associadas a uma estrutura para encerramento do forte (**Foto 23**). Encontravam-se sob uma grande quantidade de pedras arrastadas pela abertura do caminho, estando a estrutura a Sul pior preservada. No amontoado de pedras sobre a estrutura Norte encontrava-se um fragmento de xisto de boa qualidade que possui numa das faces gravados no topo esquerdo riscos aleatórios, zigue-zagues e uma possível data (1801?), tendo sido recolhido e encontrando-se em fase de desenho.

Segundo fontes orais (informações de proprietários e resineiros que conheciam bem o forte antes da abertura do caminho) na entrada não se observavam muros, mas existia uma

concauidade muito mais baixa do que os taludes, por onde costumavam entrar. As mesmas fontes confirmaram que o talude Este era totalmente fechado existindo na área central uma concauidade idêntica às existentes nos locais onde se identificaram as duas canhoneiras laterais.

Esta segunda informação foi confirmada pela existência *in situ* da primeira fiada de pedra do muro, fechando completamente esta face do forte (**Foto 24** - onde a abertura do caminho abriu um rombo com cerca de 3m de largura), bem como de estruturas negativas, de igual tipologia às existentes nas canhoneiras laterais, confirmando-se assim que o forte possuía uma bateria com três posições para bocas de fogo (possibilidade que já anteriormente tinha sido equacionada).



**Fotografia 24**



**Fotografia 25**

As três canhoneiras localizam-se no talude Este, viradas para a Ribeira do Alvito, tendo a central sido destruída pela abertura do caminho. No entanto, ficaram preservados vestígios desta, correspondentes a estruturas negativas para colocação de barrote (cinco valas perpendiculares ao muro e duas paralelas fechando as perpendiculares e formando um rectângulo que encosta à face interna do muro – quadriculas C3, C4, D3 e D4) e assentamento de um estrado (sobre o qual seria posicionada a boca de fogo), bem como fragmentos de um posterior piso em lajes de xisto que cobriu estas estruturas negativas, condenando-as numa provável remodelação. Deste piso deixou-se apenas um testemunho que preenche uma das valas, todo o resto foi removido de modo a compreender a dimensão total e função destas (**Foto 25**).

Nas extremidades encontram-se duas canhoneiras, que formam uma concauidade no talude, abertas em “V” para o exterior delimitadas por muretes em pedra seca cujo interior possui uma superfície aplanada no topo que se encontra coberta com argila amarelada compactada, separada por um alinhamento pétreo transversal do declive do talude. Os muretes, que encostam à face externa do muro interior, deveriam fazer ligação com o muro externo de

contenção dos taludes, contudo não se encontraram evidências que permitissem comprovar tal possibilidade.

Associadas às canhoneiras encontram-se no interior do forte rampas delimitadas por muretes em pedra seca com enchimento de pedra e terra e uma cobertura de argila compactada, elevando-se até à altura do muro interno. As rampas assentam sobre um piso lajeado, que tal como na posição central cobre e condensa estruturas negativas de uma fase anterior. Todas as posições<sup>29</sup> teriam um piso lajeado com placas de xisto com a finalidade de cobrir as estruturas negativas. Encontram-se bastante destruídas pelo coberto arbóreo (pinheiros e medronheiros, com o consequente desenvolvimento de raízes) e pela abertura do caminho que atravessa o forte. Contudo foram identificados fragmentos que sugerem esta situação.



**Fotografia 26** – Posições da bateria no Forte das Baterias



**Fotografia 27**

Anexadas às rampas encontram-se estreitas bancadas sobrelevadas, encostadas à face interna dos muros, que poderiam ter servido para posicionar um observador ou mesmo caixas de munições, possibilidade que sugerem duas lajes rectangulares em xisto de boa qualidade que se encontram em posição similar nas duas bocas de fogo laterais. Na posição central observa-se do lado Sul uma bancada arredondada que poderia servir a peça aqui colocada.

Estas estruturas (**Foto 26**) foram muito danificadas por raízes de pinheiro, principalmente na rampa Norte onde se encontrava também uma raiz de medronheiro de grandes dimensões, e no talude pelo deslizamento de terras, principalmente na canhoneira Sul.

A rampa que serve a canhoneira Norte (**Foto 27** - quadriculas D3, D4, E3 e E4) encontrava-se bastante destruída por uma raiz de medronheiro resistindo apenas vestígios claros desta no lado Norte, onde permanece um alinhamento da sua estruturação. Devido a esta situação foi possível escavar até ao substrato geológico tendo-se constatado a existência de um lajeado a cobrir estruturas negativas idênticas às identificadas na área central. No lado Norte da rampa, encostado à face interna do muro e preenchendo o espaço entre este e o murete da rampa, destaca-se uma bancada alongada, ainda que mal conservada, com blocos de xisto e terra, sobre a qual se encontra em posição oblíqua uma laje rectangular em xisto de boa qualidade que encosta ao muro.

<sup>29</sup> As referências a posições ou posição reportam para o posicionamento de bocas de fogo dentro do forte ou também para um conjunto de estruturas localizadas numa posição defensiva estratégica.

**O FORTE DAS BATARIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR  
DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**



**Fotografia 28**



**Fotografia 29**

A canhoneira associada (quadriculas D2, D3, E2 e E3) possui os muretes que a delimitam bem conservados no encosto à face externa do muro, no entanto apenas o murete Sul se prolonga quase até ao final do talude, estando pior conservado o murete Norte. Encontravam-se aqui muitas raízes de pinheiro e de medronheiro que alteraram bastante a organização da estrutura e do núcleo que a constitui, sendo contudo visível um alinhamento pétreo transversal que separa nitidamente o topo mais plano, coberto com argila compactada (**Foto 28**), da face de acentuada inclinação do talude (**Foto 29**), possivelmente tendo como função a contenção das terras.

No lado externo do muro Norte do forte (quadricula E3), contíguo a este e a uma cota um pouco mais alta, encontra-se um alinhamento pétreo com cerca 3m de comprimento por 50cm de largura (visível na **Foto 27**) que poderá corresponder a um reforço do muro interno no ponto em que o talude tem a cota mais elevada, maior altura e inclinação. No entanto, esta estrutura encontra-se no espaço do conjunto de estruturas que compõem a posição Norte pelo que poderá ter uma outra função que não o reforço do muro.



**Fotografia 30**

A rampa da canhoneira Sul (**Foto 30** - quadriculas B3, B4, C3 e C4) encontra-se mal preservada (devido a raízes de pinheiro), todavia possui ambos os muretes que a estruturam perceptíveis, afinando ligeiramente em direcção à canhoneira. O interior é preenchido com terra e pedras, tendo-se detectado vestígios de uma argila compactada que possivelmente a cobria. Sobrepõem-se a um piso lajeado relativamente bem preservado, tendo-se detectado nalguns

**O FORTE DAS BATERIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR  
DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**

pontos que entre as lajes se abriam vazios que deverão corresponder a estruturas negativas semelhantes às identificadas nas outras duas posições. Devido ao estado de preservação do piso optou-se por não desmontá-lo de modo a confirmar a existência de valas sob este. Encontrando-se esta posição mais distante do muro interno, relativamente à localizada a Norte, possui uma estreita bancada sobrelevada contígua aos muros do forte que inicia no murete Sul da rampa, contorna a esquina SE e prolonga-se quase até ao final do piso, vindo a baixar de altura gradualmente no sentido Este-Oeste. No troço mais baixo possui pequenas lajes em xisto fincadas no solo e encostadas ao muro interno como que fazendo um rodapé. Sobre o início do troço de bancada E-O (quadrícula B3) encontrava-se uma laje de xisto em posição similar, com dimensão e configuração idênticos e em xisto de igual qualidade, relativamente à localizada na posição Norte. A diferença é marcada pelo facto desta se encontrar totalmente coberta por gravações, por vezes filiformes, fazendo riscos aleatórios, zigue-zagues, picotados, um abecedário quase imperceptível e um possível nome (**Foto 31**). Infelizmente foi partida por visitantes durante um fim-de-semana (**Foto 32**) e encontra-se para restauro, não tendo ainda sido possível fazer uma correcta leitura e desenho. Possivelmente estas gravações e as que se encontram na laje recolhida na quadrícula D7 (supra mencionada) foram executadas pelo mesmo indivíduo, quem sabe um militar entediado pelas longas horas de espera naquele lugar ermo e desabrigado.



**Fotografia 31**



**Fotografia 32**



**Fotografia 33**



**Fotografia 34**

A canhoneira associada (quadrículas B2 e B3) encontra-se em mau estado de conservação permanecendo *in situ* apenas um frágil alinhamento pétreo, correspondente ao murete Sul, que

**O FORTE DAS BATERIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR  
DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**

se prolonga quase até ao fim do talude, não se observando vestígios do murete que estaria do lado Norte. Ainda assim a área ocupada é perceptível devido a possuir uma camada de argila compactada e uma concentração de pedras no topo aplanado que deverá corresponder a derrubes do murete e a um alinhamento transversal tal como na canhoneira Norte (**Fotos 33 e 34**).

Estruturas menos expressivas mas de igual interesse encontram-se adjacentes ao longo de toda a face interna do muro do forte. Tratam-se de pequenas bancadas dispersas, com diversas tipologias e dimensões, de construção grosseira constituídas por blocos de xisto sobrepostos ou por lajes de xisto, criando patamares elevados que poderiam servir como banco ou para possibilitar uma boa observação e posição de disparo. Os cantos SO e NO encontram-se preenchidos com bancadas de maior dimensão e altura, devendo aqui ter servido como pontos de vigia, sendo de referir o facto de no canto NO a bancada ser circundada por um empedrado (**Foto 35**). Este empedrado pode estar relacionado com a drenagem, dado que o piso interno tem



**Fotografia 35**

uma ligeira inclinação SE-NO, encontrando-se a Este do empedrado uma cavidade no muro que poderá ter como função drenar as águas pluviais.



**Fotografia 36**



**Fotografia 37**

Como testemunho da vivência de uma guarnição no interior do forte e da predominância dos ventos na época identificaram-se vestígios de fogueiras, entre as bancadas acima referidas,

exclusivamente encostadas aos muros Oeste (aqui apenas no troço para Norte da entrada – **Foto 36**) e Norte (**Foto 37**), o que demonstra que os ventos predominantes eram de Norte-Noroeste, obrigando os ocupantes à utilização destas áreas para se abrigarem do frio e possivelmente cozinharem as suas refeições. As áreas de combustão não eram estruturadas, distinguindo-se apenas por manchas de argila bastante alaranjada e compacta com manchas enegrecidas.

Sensivelmente a meio do muro Sul, afastadas deste, encontram-se duas lajes de xisto de boa qualidade e dimensão considerável (trazidas de outro local) intencionalmente alinhadas paralelamente ao muro e sobre o substrato rochoso. Não se identificou a sua função, contudo, estão próximas de um alinhamento de buracos de poste, que se encontram associados a duas estruturas negativas, podendo ter uma funcionalidade relacionada com os postes que ali existiram (**Foto 38**).



**Fotografia 38**

Centrada com a entrada e a cerca de 5m desta identificou-se uma grande estrutura negativa, escavada no xisto (quadriculas C6 e D6), possuindo uma sala quadrangular com 3m x 3m x 2,20m de profundidade e uma escadaria de acentuada inclinação virada a Sul, com 3m de comprimento por 1m de largura, constituída por oito degraus, sendo o último mais largo formando uma espécie de patamar (**Fotos 39 e 40**).

Nalguns pontos das paredes são visíveis os traços das picaretas que abriram a estrutura na rocha (**Foto 41**). A rocha de má qualidade (xistos argilosos alterados) parte-se facilmente, tendo a estrutura sido bastante danificada por uma grande raiz de medronheiro que se encontrava na confluência da sala com a escadaria, do lado Este.

A estrutura encontrava-se totalmente entulhada sendo apenas visível uma concavidade na área correspondente à escadaria (**Foto 9**). Após a remoção da camada humosa identificou-se tratar-se de uma estrutura negativa colmatada até ao nível de sedimentos que cobriam o piso original no interior do forte (**Foto 10**).

**O FORTE DAS BATERIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR  
DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**



**Fotografia 39**



**Fotografia 40**



**Fotografia 41**

A escavação foi executada em camadas de 20cm tendo-se iniciado pela escadaria até cerca de 50cm no interior da sala, de modo a obter um perfil do preenchimento da estrutura para registo.

A estrutura que deverá ter tido a função de paiol foi condenada numa segunda fase de ocupação e reestruturação do espaço, tendo então sido entulhada com terras, pedras e todo o mato, lixo e entulho que ali se encontrava. Foi no seu interior que se exumou a maior percentagem de materiais arqueológicos.

O preenchimento era constituído pelas camadas que passaremos a descrever e que são designadas provisoriamente de Camada 1, no topo, para Camada 5, no fundo (ainda não se procedeu ao tratamento dos desenhos de campo e reorganização da numeração por Unidades Estratigráficas):

Camada 1 – o topo da sala da estrutura encontrava-se nivelado por uma camada de sedimentos amarelados, compactos, com pequenos fragmentos de xisto, correspondentes à cobertura natural do interior do forte (**Foto 10**). Esta camada possuía aqui maior espessura devido ao

arrasto de terras na abertura do caminho. Na área do corredor era uma camada de constituição igual mas fina, tal como na restante área do forte;

Camada 2 – Sob a camada 1 encontrava-se um empedrado toscamente organizado e irregular, envolvido por idênticos sedimentos, apenas mais escuros devido à contaminação de matéria orgânica. O empedrado com 2m na parte mais larga, com sentido Oeste-Este em alinhamento com a entrada, preenchia a estrutura em toda a largura e encostava à parede Norte. Era constituída por blocos de xisto de média e pequena dimensão, dispostos em duas a três camadas sobrepostas, com alinhamentos a delimitar os limites do lado Sul e no canto NE. Do lado Sul encontravam-se paralelamente, e integrados no empedrado, dois troncos de pinheiro (**Foto 42**). Devido à acidez destes solos a presença e estado de conservação dos troncos de pinheiro e de pinhas envolvidas pelos sedimentos fazem supor tratar-se o empedrado de uma estrutura relativamente recente (50-60 anos), à qual se encontravam associados fragmentos de um púcaro de resina, em cerâmica (com colagem na quase totalidade dos fragmentos). Segundo informação de uma habitante local, e proprietária de parte do forte, que costumava acompanhar os pais na recolha da resina, aquela era uma zona onde no Inverno havia sempre muita água e erva alta, “Tínhamos receio de passar por ali porque a terra era muito mole e podíamos enterrarmos lá”, contudo não se lembrava se algum familiar construiu aquele empedrado. É assim possível que a cavidade, resultante do abatimento e colmatação das terras que entulhavam a estrutura negativa, tivesse sido preenchida com uma passagem segura por quem explorava os pinheiros existentes no local;



**Fotografia 42**

Camada 3 – Trata-se da camada mais espessa (**Foto 43**) sendo constituída por sedimentos amarelados, bastante soltos, com grande quantidade de lâminas de xisto de pequenas e médias dimensões (similar à que constitui os taludes), frequentes fragmentos de carvão e muitas raízes. Toda a camada possuía materiais arqueológicos (botões, fivelas, balas de mosquete, um pequeno formão (?) em bronze, uma medalha, cerâmica, faiança, fauna - restos de refeições -, pregos, cavilhas, cravos e fragmentos de ferro de função indeterminada), tendo-se exumado nos

**O FORTE DAS BATARIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR  
DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**

primeiros 20cm uma moeda de X reis em cobre de D. Maria I – 1797 e a cerca de 40cm de profundidade uma moeda de V reis em cobre de D. José I – 1752;



Fotografia 43



Fotografia 44

Camada 4 – camada negra, fina mas irregular, resultante de uma fogueira, possivelmente de uma queimada do mato aquando da limpeza do forte (**Foto 44**). O sedimento é idêntico ao da camada 3 só que enegrecido pelo fogo. Possui carvões muito frequentes e casca de sobreiro carbonizada, tendo-se recolhido cabeças de flor de esteva, um caroço de azeitona e um caroço de pêsego carbonizados. Os materiais arqueológicos exumados são idênticos aos da camada 3, mas em menor quantidade, tendo-se recolhido uma moeda de X reis em cobre de D. José I - 1751-1776, na área da escadaria;

Camada 5 – camada que encosta ao fundo da estrutura negativa. Os sedimentos são idênticos aos das camadas anteriores mas possuem frequentes blocos de xisto de pequena a grande dimensão (dispostos aleatoriamente e principalmente junto do fundo da estrutura). Possivelmente existiria uma espécie de murete de protecção em redor da estrutura, tendo sido empurrado para o interior desta aquando da reestruturação. Os materiais arqueológicos exumados eram idênticos aos das camadas anteriores, mas em menor número que os da camada 3, contudo possuíam metade de uma moeda em cobre ilegível – possivelmente de X reis – na parte superficial da camada e uma moeda de V Réis de D. José I - 1752-1776, a cerca de 2cm do fundo da estrutura. Foi também exumado um fragmento de sílex de pederneira.



Fotografia 45



Fotografia 46

Tratando-se de uma estrutura integralmente escavada na rocha onde a drenagem no interior é inexistente e para onde convergem as águas pluviais, seria uma estrutura muito inoperante em tempos de chuva. Após a conclusão da sua escavação bastou um fim-de-semana com chuvas fortes para acumular água até cerca de 40cm de altura, tendo sido necessária a utilização de uma mangueira para retirar toda a água.

No piso do forte do lado Este da estrutura negativa foram abertos dois rasgos na rocha, paralelamente a esta (**Foto 46**), que poderão corresponder a valas de drenagem com o intuito de evitar o escorrimento das águas pluviais para o seu interior. Sendo o sentido da drenagem no interior do forte SE-NO e iniciando-se as valas no início da escadaria até cerca de 1m da sala, estas valas deveriam ter como função canalizar as águas pluviais para Norte, onde se encontra uma cavidade no muro ao nível do solo que poderá ter servido de dreno. Caso esta estrutura fosse um paiol ou armazém seria bastante ineficaz dado o elevado grau de humidade que nele se concentra (todos os sedimentos removidos do interior encontravam-se muito húmidos). Possivelmente este facto conjuntamente com o posicionamento em área central à entrada do forte terão sido os motivos para a sua condenação e conseqüente aterro.

Certamente deveria estar munida de protecções e uma cobertura. É possível, como já acima sugerido, que em redor da estrutura existisse um murete para evitar a entrada de águas e terras, que os rasgos (valas de drenagem?) na rocha do lado Este, ainda que não abrangendo toda a extensão da estrutura, tivessem por finalidade desviar as águas pluviais para o dreno existente no muro e, aparentemente, possuía a toda a volta buracos para colocação de postes que poderiam sustentar uma espécie de tenda de campanha que cobriria na totalidade a área de armazenamento, onde se identificou uma segunda estrutura negativa.

A segunda estrutura negativa (**Fotos 47 e 48**) é igualmente escavada na rocha possuindo uma sala sub-quadrangular (quadrícula B7) com 1,30m NO-SE x 1,50m NE-SO x 0,66m a 0,80m de profundidade, uma vez que o piso é bastante irregular, e uma escadaria toscamente escavada na rocha virada a NE (quadrícula B6), com 0,70m de comprimento por 0,40m de largura, constituída por três degraus com inclinação para Sul. Sobre o primeiro degrau encontrava-se uma grande raiz de medronheiro que alterou bastante a rocha. Encontra-se imediatamente a Oeste da primeira estrutura negativa, confrontando-se as escadarias de ambos, separadas 1,30m. Poderia tratar-se de um pequeno armazém (de armamento?), tendo, eventualmente, ambas as estruturas negativas sido condenadas ao mesmo tempo.



**Fotografia 47**



**Fotografia 48**

**O FORTE DAS BATERIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR  
DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**

O preenchimento era constituído pelas camadas que passaremos a descrever (como ainda não se fez o tratamento dos desenhos de campo e a reorganização da numeração atribuída às Unidades Estratigráficas, atribuímos provisoriamente uma designação de Camada 1 (no topo) para Camada 3 (no fundo):

Camada 1 – Trata-se da camada mais espessa (**Foto 47**) sendo constituída por sedimentos amarelo acastanhado, bastante soltos, com grande quantidade de lâminas de xisto de pequenas e médias dimensões (similar à camada 1 da estrutura negativa 1 mas mais escura), sendo estéril a nível de materiais arqueológicos;

Camada 2 – camada constituída por blocos de xisto de média e pequena dimensão envolvidos por sedimentos enegrecidos com frequentes carvões (**Foto 49**), onde foram exumados pregos, cavilhas e três coutos de lança em ferro, todos de diferente tipologia. Os blocos, tal como sugerido para a estrutura negativa 1, poderiam formar um murete protector em redor da estrutura;

Camada 3 – fina camada de fundo (**Foto 50**) composta de sedimentos argilosos com diversas tonalidades, possuindo manchas de carvão e restos de ferrugem (possivelmente de materiais em ferro apodrecidos), sendo estéril em materiais arqueológicos. Esta camada poderá corresponder a um incêndio no interior da estrutura.



Fotografia 49



Fotografia 50

Em torno da estrutura existe, escavada na rocha, uma vala de drenagem que desemboca para SO (**Foto 51**).

Também esta estrutura seria ineficaz como armazém, dada a inexistência de drenagem no seu interior e o elevado grau de impermeabilidade da rocha onde se encontra escavada.

Possivelmente o quarto SO do forte terá sido na primeira fase de ocupação uma área de armazenamento composta por duas estruturas negativas.

**O FORTE DAS BATARIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR  
DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**



**Fotografia 51**

Em redor do conjunto encontram-se alinhamentos de buracos de poste, de forma circular, disposto numa configuração quadrangular, que indiciam a existência de uma cobertura. Apenas não se detectaram buracos de poste no lado Oeste, onde se encontra a entrada. No alinhamento Sul (**Foto 52**) este facto é indiscutível devido a encontrarem-se bem preservados e possuírem no interior pequenos blocos de xisto que serviriam para o travamento dos postes (em madeira?).

Quanto aos alinhamentos Este e Norte, a orientação e o espaçamento entre eles permitem considerar tal hipótese, porém, encontram-se bastante destruídos pelo preenchimento com raízes de pinheiro ficando a dúvida quanto à sua função como buraco de poste ou se resultaram da destruição natural da rocha pelas raízes.

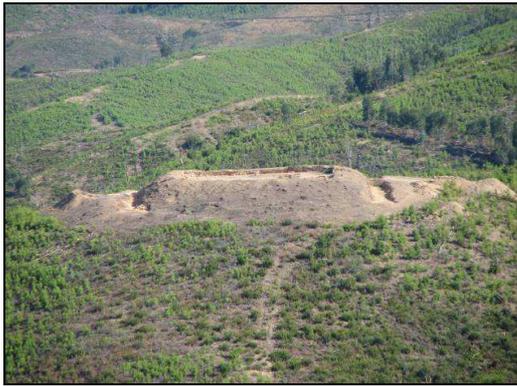


**Fotografia 52**



**Fotografia 53** – Interior do forte, vista geral

Sendo um forte de construção com acabamentos pouco cuidados que apresenta fragilidade estrutural, constitui, ainda assim, uma construção complexa que requereu um planeamento prévio e elaborado, de execução morosa, que lhe concedeu a estruturação necessária para desempenhar a função pretendida e permanecer relativamente bem preservado durante mais de 240 anos, o que permite considerar duvidosa a menção a estruturas provisórias de “má construção”



**Fotografia 54** – Vista a partir do Forte do Couratão



**Fotografia 55** – Vista a partir da estrada de Castelo Branco, na margem Este da Ribeira do Alvito

## **Análise preliminar dos Materiais exumados**

O acervo de materiais arqueológicos exumados na escavação é reduzido, tendo sido no interior da Estrutura Negativa 1 de onde se recolheu a maior quantidade. Os restantes encontravam-se sobretudo no fosso Oeste e em menor quantidade na Estrutura Negativa 2, nos taludes, sob os derrubes dos muros internos, no fosso Este, no piso correspondente à ocupação do forte e à superfície.

Presentemente apenas se encontra estudado e desenhado parte do lote de materiais cerâmicos<sup>30</sup> classificáveis, que constituem uma pequena fracção dos fragmentos cerâmicos recolhidos, sendo a maioria bojos inclassificáveis de cerâmica comum.

Foram também alvo de desenho alguns materiais líticos (tampas em xisto) e um fragmento de cabo de faca em osso polido, que se encontram igualmente incluídos.

## **Materiais Metálicos**

Os materiais metálicos encontram-se ainda em fase de estabilização e conservação, não sendo possível efectuar o devido estudo destes. Todavia, é neste conjunto que se obtiveram materiais datantes, os numismas.

Os numismas, num total de seis, encontram-se em mau estado de conservação, excepto uma moeda em prata em bom estado, tendo, no entanto, permitido uma leitura parcial das legendas, o que forneceu datações. Os numismas encontram-se em restauro pelo que as fotografias apresentadas correspondem ao estado em que se encontravam, tendo apenas sido feita uma limpeza superficial.

Sabendo que a moeda para além do valor monetário servia como veículo propagandístico da coroa, com a morte de um Rei as que possuíam baixo valor (em ligas de cobre ou outras de menor valor) depressa saíam de circulação dando lugar às mandadas cunhar pelo novo

---

<sup>30</sup> Trabalho realizado por André Pereira.

**O FORTE DAS BATERIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR  
DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**

monarca. Apenas as de metal valioso (prata e ouro) permaneciam em utilização por um maior período. Há, contudo, que ter em consideração períodos de crise, em que os metais nobres para cunhagem de moeda escasseavam, e o entesouramento ou amealhamento pessoal que ocasionava a circulação de moeda antiga.

Metade dos seis numismas recolhidos é do reinado de D. José I (1750 a 1777).



**Fotografia 56**

Proveniência	Estrutura Negativa 1, quadricula C6, camada 4.
N.º Inventário	FB 014
Valor - Monarca	X Reis – D. José I.
Metal / Diâmetro / Espessura	Cobre / 33mm / 2mm.
Estado de conservação	Mau.
Datas de lavramento	1751 a 1765.
Anverso	Legenda: IO[S]E[PH]U[S .] I [DE]I [. GR]A[T]IA Imagem: Ilegível.
Reverso	Legenda: PORTUGALIAE . ET [. ALGA]RBIORUM . REX Imagem: Ao centro do campo, valor monetário "X" ladeado por um quadrifólio de cada lado (data ilegível), no interior de uma coroa de louros, sobre o fecho da qual se encontra um quadrifólio. Bordo com cercadura em linhas verticais.



**Fotografia 57**

Proveniência	Estrutura Negativa 1, quadricula D6, camada 3.
N.º Inventário	FB 023
Valor - Monarca	V Reis – D. José I.
Metal / Diâmetro / Espessura	Cobre / 29mm / 1mm.
Estado de conservação	Mau.
Datas de lavramento	1752.
Anverso	Legenda: J[OSEPHUS .] I . DEI . GRATIA] Imagem: Ilegível [Brasão da Casa Real Coroado].
Reverso	Legenda: PORTUGALIAE . ET . ALGARBIORUM . REX Imagem: Ao centro do campo, valor monetário "V" ladeado por um quadrifólio de cada lado e data sob o valor, no interior de uma coroa de louros, sobre o fecho da qual se encontra um quadrifólio. Bordo com cercadura em linhas verticais (muito desgastado).

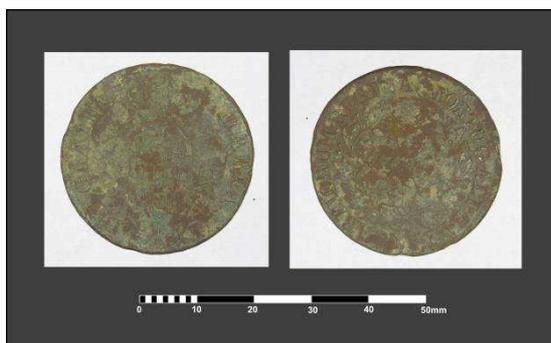
**O FORTE DAS BATARIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR  
DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**



**Fotografia 58**

Proveniência	Estrutura Negativa 1, quadricula C6, camada 5.
N.º Inventário	FB 057
Valor - Monarca	V Reis – D. José I.
Metal / Diâmetro / Espessura	Cobre / 29mm / 1mm.
Estado de conservação	Mau.
Datas de lavramento	1752 a 1776.
Anverso	Legenda: JO[SEPHUS [.] I [.] DE]I [.] GRAT]IA Imagem: Ilegível [percebem-se traços do Brasão da Casa Real Coroado].
Reverso	Legenda: P[ORTUGALIAE . ET . ALGA]R[BIORUM . RE]X Imagem: Ilegível.

Duas moedas são do reinado de D. Maria I (1777 a 1816).



**Fotografia 59**

Proveniência	Estrutura Negativa 1, quadricula C6, camada 3.
N.º Inventário	FB 022
Valor - Monarca	X Reis – D. Maria I.
Metal / Diâmetro / Espessura	Cobre / 34mm / 2mm.
Estado de conservação	Mau.
Datas de lavramento	1797.
Anverso	Legenda: MARIA . I DEI . GRATIA Imagem: Brasão da Casa Real Coroado, ladeada por ramos floridos e uma flor virada para baixo na base. Bordo com cercadura em linhas verticais.
Reverso	Legenda: PORTUGALIAE . ET . ALGARBIORUM . REGINA Imagem: Ao centro do campo, valor monetário "X" ladeado por data de cunhagem (17 à esquerda e 97 à direita) e quadrifólio sob a base, no interior de uma coroa de louros, sobre o fecho da qual se encontra um florão. Bordo com cercadura em linhas verticais.

**O FORTE DAS BATARIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR  
DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**



**Fotografia 60**

Proveniência	Passagem sobre o Fosso Oeste, quadricula C8.
N.º Inventário	FB 010
Valor - Monarca	3 Vinténs – D. Maria I.
Metal / Diâmetro / Espessura	Prata / 19mm / 1mm.
Estado de conservação	Regular.
Datas de lavramento	Não determinado.
Anverso	Legenda: MARIA . I . DG . PORT . ET . ALG . REGINA Imagem: Brasão Real Coroado, com um quadrifólio entre dois pontos, em cada lado do brasão. Bordo com cercadura em linhas verticais.
Reverso	Legenda: IN (.) HOC (.) SIGNO (.) VINCES (palavras separadas por quadrifólios) Imagem: Ao centro do campo, a cruz da ordem de Cristo preenchida com quatro quadrifólios e encimada por um quinto quadrifólio mais pequeno. Bordo com cercadura em linhas verticais.

A última moeda é uma metade em muito mau estado de conservação, sendo a legenda ilegível, parece no entanto corresponder a uma moeda de X Reis, possuindo dimensões que se enquadram.



**Fotografia 61**

Proveniência	Estrutura Negativa 1, quadricula C6, camada 5.
N.º Inventário	FB 052
Valor - Monarca	X Reis (?) – (?).
Metal / Diâmetro / Espessura	Cobre / 33 mm / 1mm.
Estado de conservação	Muito mau (metade que se encontrava dobrada).
Datas de lavramento	Não determinado.
Anverso	Legenda: Ilegível Imagem: Ilegível.
Reverso	Legenda: (?) T . (?) Imagem: Ilegível (parece formar uma perna do X).

**O FORTE DAS BATERIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR  
DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**

Para além dos numismas são frequentes as balas de mosquete (em geral com diâmetro entre 16mm e 19mm – **Foto 62**), em todos os casos sem vestígios de uso, uma bala de arcabuz ou de metralha (?) em ferro com 32mm de diâmetro, a boca de um polvorinho (?) em cobre (**Foto 63**), três coutos de lança em ferro (peça cónica afiada que revestia a base do cabo da lança, servindo para proteger esta do desgaste e para funcionar como arma se necessário – **Foto 64**), botões de diversas tipologias (um dos quais ainda possuía um pedaço de linha na argola – **Foto 65**), fivelas (**Foto 66**), um fragmento de correia em cabedal com molas em cobre no interior (de um cinturão? – **Foto 67**), pequenos formões(?) em cobre (**Foto 68**), uma medalhinha religiosa **Foto 69**, pregos, cavilhas, cravos (estes três constituindo a maioria do acervo metálico – **Foto 70**), e outros materiais metálicos (em ferro, cobre e bronze) cuja função é indeterminada.



Fotografia 62



Fotografia 63



Fotografia 64



Fotografia 65



Fotografia 66



Fotografia 67



Fotografia 68



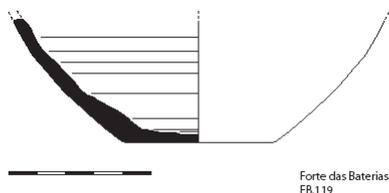
Fotografia 69



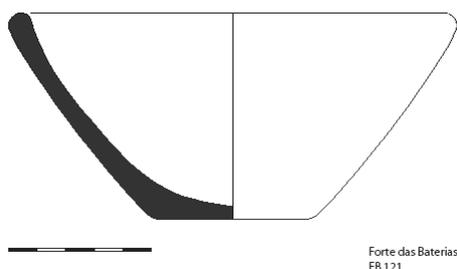
Fotografia 70

## Materiais Cerâmicos

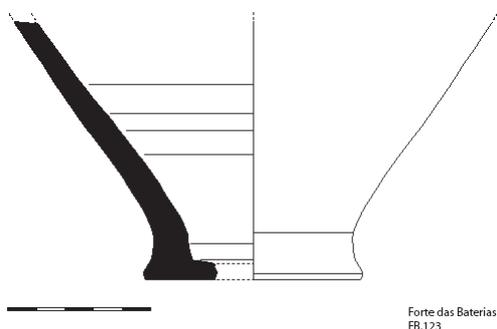
Como já referido a cerâmica de uso comum e a faiança que permitem uma classificação e balizamento cronológico encontram-se em fase de estudo e desenho, apresentando-se em seguida o catálogo com ilustrações e dados obtidos até à presente data.



**FB.119:** Fragmento do fundo de pequena taça, proveniente do Fosso Oeste (quadrícula C9). Pasta laranja escura, bastante depurada, com elementos não plásticos praticamente ausentes. Diâmetro do fundo: 53 mm. Cronologia: séc. XVIII? (desenho à Esc. 1:2).

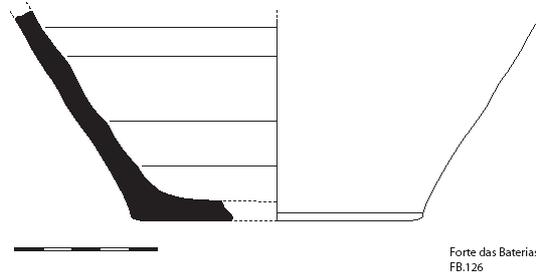


**FB.121:** Taça de bordo ligeiramente espessado internamente, proveniente do Fosso Oeste (quadrícula C9). Pasta castanha escura, quase preta, pouco depurada, com elementos não plásticos abundantes (essencialmente micáceos). Altura total: 72 mm; diâmetro do bordo: 152 mm; diâmetro do fundo: 56 mm. Cronologia: séc. XVIII? (desenho à Esc. 1:2).

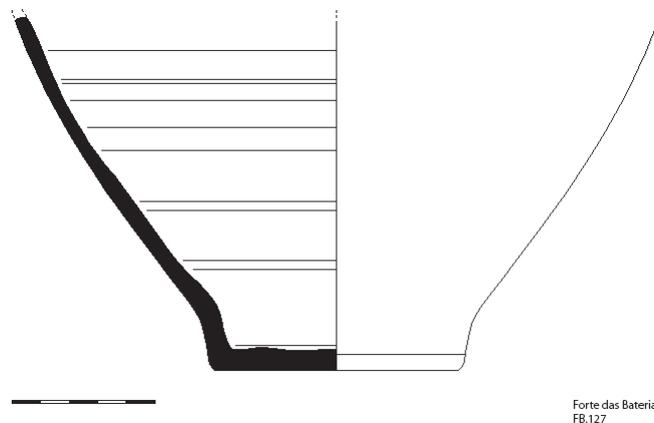


**FB.123:** Fragmento do fundo de um cântaro, proveniente da Estrutura Negativa 1 (quadrícula C6, camada 3). Pasta acastanhada, bem depurada, com elementos não plásticos pouco abundantes (essencialmente feldspatos). Diâmetro do fundo: 72 mm. Cronologia: séc. XVIII? (desenho à Esc. 1:2).

**O FORTE DAS BATERIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR  
DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**

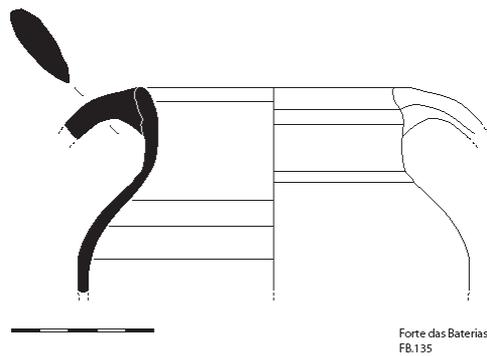


**FB.126:** Fragmento do fundo de provável pote, proveniente da Estrutura Negativa 1 (quadricula C6, camada 5). Pasta castanha clara muito pouco depurada, com abundantes elementos não plásticos (quartzos e feldspatos). Diâmetro do fundo: 103 mm. Cronologia: séc. XVIII? (desenho à Esc. 1:2).

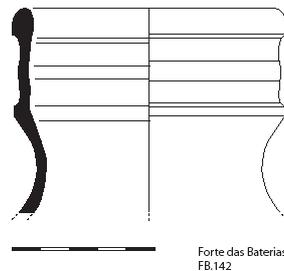


**FB.127:** Fragmento do fundo e parte do bojo de provável cântaro, proveniente do Fosso Oeste (dois frag. com colagem, quadriculas A8 e X9). Pasta laranja, muito depurada, com escassos elementos não plásticos (feldspatos). Superfícies interna e externa com aguada laranja escura. Diâmetro do fundo: 83 mm. Cronologia: séc. XVIII? (desenho à Esc. 1:2).

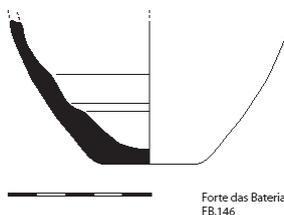
**O FORTE DAS BATERIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR  
DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**



**FB.135:** Fragmento do bordo, colo e parte do bojo de um pequeno pote com asas, proveniente da Estrutura Negativa 1 (quadricula C6, camada 3). Pasta castanha clara, muito depurada, com raros, quase ausentes, elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Superfícies interna e externa com aguada laranja escura. Diâmetro do bordo: 90 mm. Cronologia: séc. XVIII? (desenho à Esc. 1:2).

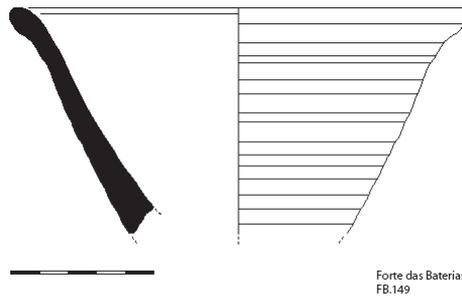


**FB.142:** Fragmento do bordo (boca) e colo de cântaro, com o bordo espessado externamente, proveniente da Estrutura Negativa 1 (três frag. com colagem, quadricula C6, camada 3). Pasta laranja, muito depurada, com elementos não plásticos finos e pouco abundantes (quartzo e feldspato). Vestígios de fogo pós-deposicional. Diâmetro do bordo: 87 mm. Cronologia: séc. XVIII (desenho à Esc. 1:2).

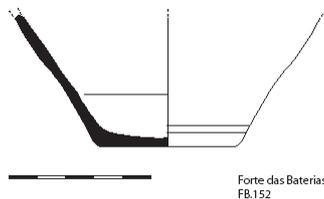


**FB.146:** Fragmento do fundo e parte do bojo de jarrinha ou pucarinho, proveniente da Estrutura Negativa 1 (quadricula D6, camada 5). Pasta laranja escura, razoavelmente depurada, com escassos elementos não plásticos de diversas dimensões (essencialmente feldspatos). Vestígios de fogo pós-deposicional. Contém também, agarrada à superfície interna, uma substância indeterminada que poderá corresponder ao seu conteúdo. Diâmetro do fundo: 37 mm. Cronologia: séc. XVIII? (desenho à Esc. 1:2).

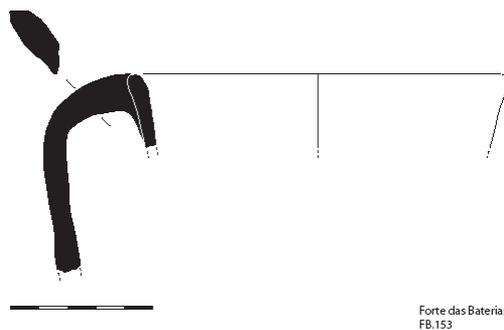
**O FORTE DAS BATERIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR  
DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**



**FB.149:** Fragmento do bordo e quase totalidade do bojo de taça, proveniente do Fosso Este (três frag. com colagem, quadrícula B1). Pasta laranja, muito depurada, com escassos elementos não plásticos (feldspatos). Vestígios de fogo pós-deposicional. Diâmetro do bordo. Diâmetro do bojo: 151 mm. Cronologia: séc. XVIII? (desenho à Esc. 1:2).

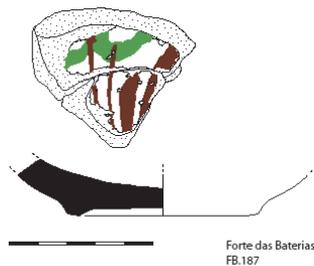


**FB.152:** Fragmento do fundo de jarrinha ou pucarinho, proveniente do derrube (sob este, quadrícula E7). Pasta castanha escura, quase preta, pouco depurada, com elementos não plásticos em número razoável (quartzos e feldspatos). Vestígios de fogo pós-deposicional. Diâmetro do fundo: 50 mm. Cronologia: séc. XVIII? (desenho à Esc. 1:2).

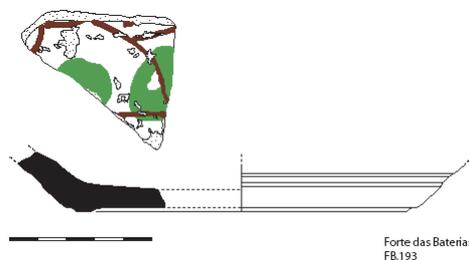


**FB.153:** Fragmento do bordo e asa pertencente, provavelmente, a um jarro, proveniente do Fosso Oeste (quadrícula D9). Pasta acastanhada, muito depurada, com elementos não plásticos quase ausentes. Diâmetro do bordo: 130 mm. Cronologia: séc. XVIII? (desenho à Esc. 1:2).

**O FORTE DAS BATERIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR  
DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**



**FB.187:** Faiança: fragmento do fundo de pequena taça com fundo anelar, proveniente do Fosso Oeste (quadricula A9). Pasta de cor bege com reflexos rosa, bastante bem depurada. Decoração policroma interior pintada a verde esbatido e vinoso escuro. Diâmetro do fundo: 66 mm. Cronologia: séc. XVIII (1.<sup>a</sup> metade?). Provável fabrico de Brioso (Coimbra) (desenho à Esc. 1:2).



**FB.193:** Faiança: fragmento do fundo de pequeno prato com fundo anelar, proveniente da Estrutura Negativa 1 (quadricula C6, camada 5). Pasta de cor bege com reflexos rosa, bastante bem depurada. Decoração policroma interior pintada a verde esbatido e vinoso escuro. Diâmetro do fundo: 124 mm. Cronologia: séc. XVIII (1.<sup>a</sup> metade?). Provável fabrico de Brioso (Coimbra) (desenho à Esc. 1:2).

### Considerações

Os recipientes exumados no Forte das Batarías são de tipos bastante diversificados. Temos, por um lado, jarrinhas ou pucarinhos, um pequeno pote, taças (uma de faiança) e um prato de faiança, recipientes de provável uso individual; por outro lado existem cântaros, um pote e um jarro, que sugerem um uso comum ou armazenamento.

A análise de um conjunto cerâmico tão diversificado mas tão escasso com o do Forte das Batarías carece de facilidade. À fragilidade de análise de um conjunto composto maioritariamente por cerâmica de uso comum, junta-se a fragmentação e destruição relativa de muitas das peças (os fogos florestais ao longo do tempo na zona pode explicá-la) e a falta de estudos publicados desta matéria sobre a época. Apenas as faianças, e sempre partindo do pressuposto cronológico de ocupação que as fontes escritas e cartográficas nos dão, bem como das moedas a elas associadas, podem trazer algumas certezas, sempre relativas.

Neste conjunto de cerâmica comum dificilmente poderemos avançar com grandes conclusões, por ora, no que se refere aos fabricos. Os recipientes cerâmicos FB.127 e FB.142 (cântaros) e

FB.149 (taça), pelas características das suas pastas, de cor alaranjada e muito depuradas, parecem ter o mesmo local de fabrico. Outro conjunto, composto pelos recipientes FB.123 (cântaro) e FB.153 (jarro), com pastas acastanhadas e também muito depuradas sugerem também local de fabrico comum. Nos restantes fragmentos de cerâmica comum dificilmente podemos concluir um tipo de produção comum.

A principal dificuldade na caracterização cronológica e local de fabrico da faiança – variedade de cerâmica fabricada a partir de mistura de argila com carbonato de cálcio, a qual se cobre posteriormente por um vidrado estanhífero, podendo receber ou não pintura (LOPES, 1998) – reside no facto de nenhum dos dois fragmentos recolhidos apresentar a marca de fabrico. Podemos no entanto, pelos tons cromáticos utilizados na pintura, fraca qualidade e motivos pouco elaborados, encaixá-los no que Sandão chama o “declínio da qualidade cerâmica” da primeira metade do século XVIII<sup>31</sup>. Tendo em conta que só as Oficinas de Lisboa e de Coimbra (Brioso) laboraram nesta época, e que esta última utilizava preferencialmente na pintura o “azul, verde e vinoso escuro”<sup>32</sup>, parece ser pouco arriscado afirmar o fabrico destes dois recipientes na dita fábrica.

Apontamos, assim, estas produções cerâmicas (de uso comum e faiança) para meados do século XVIII, parecendo tratar-se de um conjunto que, pela diversidade de tipos de pastas, tem locais de fabrico diversificados. No entanto, esta avaliação cronológica é mais induzida do que deduzida, através fontes documentais e, essencialmente, por indicadores cronológicos mais precisos, como numismas associados, entre outros.

As características do conjunto cerâmico por si só não nos permitem avançar com cronologias finas, dado a escassez numérica e características do conjunto exumado. Com efeito, formas como jarros, cântaros ou taças são comuns desde época medieval, e as características formais e de fabrico pouco mudam desde então. Contudo, perante o cruzamento com as fontes documentais (escritas e cartográficas) e materiais associados que permitem datações mais precisas, podemos avançar para balizas cronológicas de relativo reduzido espectro, colocando o uso deste conjunto, mais pelo contexto do que pelas características, no século XVIII (apontando mais para o final do centénio), sendo a produção cerâmica apontada para um pouco antes, talvez para a primeira metade de setecentos.

Das peças que não se encontram ainda estudadas há a destacar a existência de outros tipos de faiança, predominando os fragmentos de faiança branca desadornada e três fragmentos de faiança decorada a azul e roxo manganês, em todos os casos pequenos fragmentos que dificilmente poderão fornecer tipologias. Contudo as decorações a azul e manganês sobre esmalte branco são produzidas entre os séculos XVII-XVIII, consistindo os três fragmentos exumados em: 1 fragmento de bordo de prato (?) com duas linhas verticais na orla (sendo a primeira linha de uma tonalidade mais escura) e motivos a manganês sob esta, proveniente da Estrutura Negativa 1 (quadrícula C6, camada 3 - **Foto 71**); 1 fragmento de bordo de prato (?) com duas linhas verticais na orla e motivos a manganês (caracóis?) numa barra encaixada entre as duas linhas de cima e uma linha (visível) em baixo, proveniente da Estrutura Negativa 1 (quadrícula D6, camada 5 - **Foto 72**); 1 fragmento de bordo (?) de taça (?) com duas linhas verticais na orla e motivos a manganês (caracóis?) numa barra encaixada entre as duas linhas

---

<sup>31</sup> SANDÃO, 1988, p. 52.

<sup>32</sup> Idem, p. 234.

de cima e uma linha (visível) em baixo, proveniente da Estrutura Negativa 1 (dois fragmentos com colagem, quadrícula D6, camada 5 - **Foto 73**).



Fotografia 71



Fotografia 72



Fotografia 73

### Materiais Diversos

Outros artefactos foram exumados em diversos materiais e com variadas funções, destacando-se um fragmento de sílex de pederneira (**Foto 74**) e um fragmento de cabo de faca em osso polido (**Foto 75**). Para além destes recolheram-se restos de fauna (de refeições), raros fragmentos de vidro, tampas de bilha em xisto (algumas com talhe - **Foto 76**), pedras de afiar (grandes fragmentos de quartzo rolado com vestígios de utilização como afiadores de lâminas – **Foto 77**) e um bloco em xisto com o centro escavado, com marcas de picotagem, e sem vestígios de uso, cuja finalidade é indeterminada (**Foto 78**).



Fotografia 74



Fotografia 75



Fotografia 76

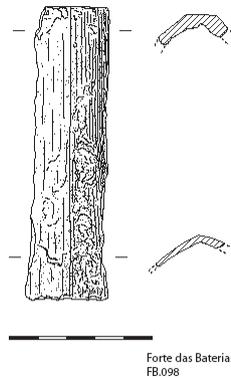


Fotografia 77



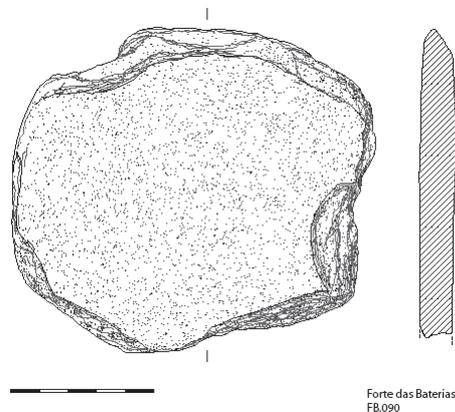
Fotografia 78

Cabo de faca



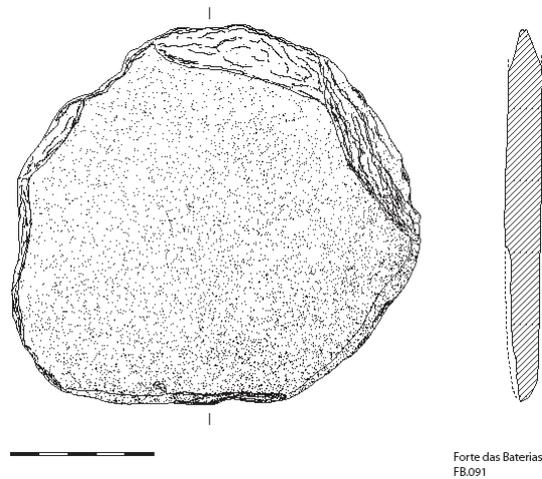
FB.098: Fragmento longitudinal de parte de artefacto em osso (**Foto 72**), de secção hexagonal, provavelmente pertencente a um cabo de uma faca, proveniente da área de derrube do muro interno (sob este, quadrícula E3) junto à laje de xisto apoiada na posição Norte. As faces encontram-se ainda polidas, apesar da relativa destruição que uma matéria deste género tende a sofrer. Dimensões – largura: 28 mm; comprimento: 120 mm; espessura: 3-4 mm. Cronologia: séc. XVIII? (desenho à Esc. 1:2).

Tampas em xisto (exemplos)



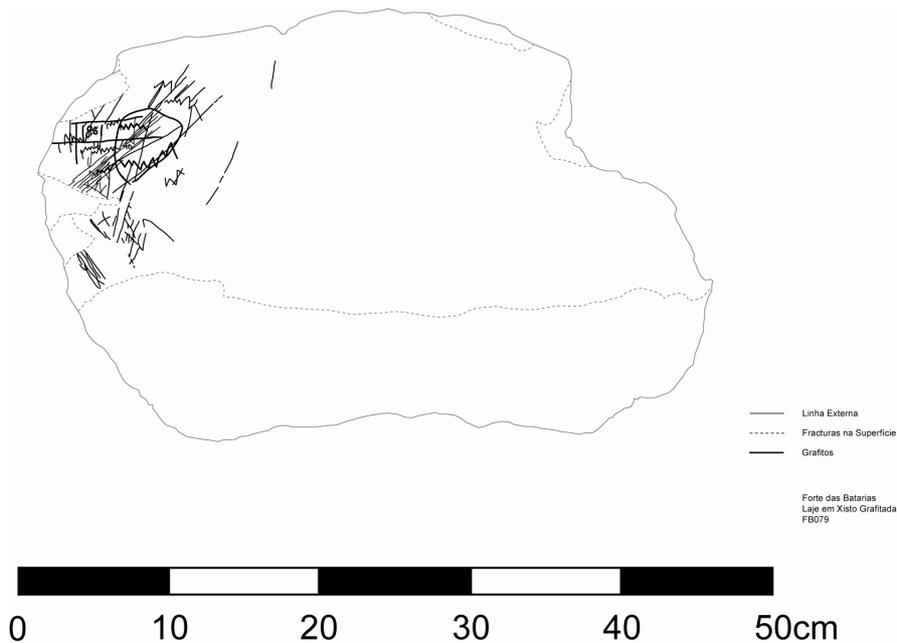
FB.090: Pequena laje de xisto talhada e afeiçoada nos bordos, de forma elipsoidal, proveniente Estrutura Negativa 1 (quadrícula D6, camada 5). Terá servido de tampa de recipiente (provavelmente um cântaro). Dimensões – comprimento: 150 mm; largura: 125 mm; espessura: 7 mm. Cronologia: séc. XVIII? (desenho à Esc. 1:2).

**O FORTE DAS BATERIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR  
DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**



**FB.091:** Pequena laje de xisto talhada e afeiçoada nos bordos (**Foto 73**), de forma discoidal, proveniente do derrube dos taludes (sob estes, quadrícula B7). Terá servido de tampa de recipiente (provavelmente um cântaro). Dimensões – raio: 134-140 mm; espessura: 7 mm. Cronologia: séc. XVIII? (desenho à Esc. 1:2).

Foram ainda recolhidas duas lajes em xisto com grafitos, supra referidas, uma laje rectangular com uma superfície repleta de gravações (**Foto 31**), encontrando-se para restauro, e outra de menores dimensões com gravações localizadas (desenho seguinte e **Foto 79**).



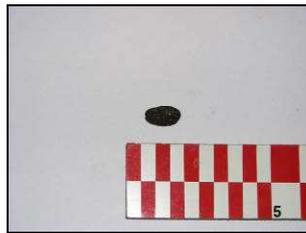


Fotografia 79

Na camada 4 da Estrutura Negativa 1, constituída por matéria orgânica carbonizada, foram recolhidos um caroço de pêsego (**Foto 80**), um caroço de azeitona (**Foto 81**) e cabeças de flor de esteva (**Foto 82**), para além de diversos fragmentos de casca de sobreiro.



Fotografia 80



Fotografia 81



Fotografia 82

Esperamos que após a conclusão do estudo dos materiais se obtenham mais dados que permitam adquirir novas informações.

## Análises e Conjecturas

Identificaram-se dois momentos de Ocupação, patentes pela condenação de estruturas e numismas exumados em contexto, nomeadamente:

- ❖ Entulhamento da Estrutura Negativa 1 que poderá corresponder a um paiol, onde se exumou a maioria dos materiais e numismas - X reis em cobre D. Maria I – 1797, nas primeiras camadas; X reis em cobre D. Josephus I - 1751-1776; V reis em cobre D. Josephus I – 1752; V Réis, D. Josephus I, 1752-1776, nas camadas mais fundas, metade de uma moeda ilegível.

- ❖ Entulhamento da Estrutura Negativa 2 cuja função poderia ser a de armazenamento de armamento, onde foram exumados três coutos de lança;
- ❖ Interrupção do fosso Oeste (de entrada), onde foi exumada uma moeda de 3 vinténs em prata de D. Maria I (1777-1816);
- ❖ Alterações na tipologia das plataformas de acesso às bocas de fogo, com condenação das valas para encaixe de vigamento de um estrado, cuja função seria elevar as bocas de fogo ao nível das canhoneiras e construção de lajeados, rampas e plataformas elevadas de apoio (para observação e/ou colocação de materiais associados às peças).

Perante estes dados poderemos partir do pressuposto que numa primeira fase, a de construção em 1762, o forte adoptou as melhores soluções, respeitando a arquitectura militar da época, perante a urgência defensiva da posição na rota de uma eminente invasão, tendo então sido equipado com estruturas adaptadas às peças de artilharia disponíveis. Deste modo, a bateria do forte possuiria valas para colocação de barrotes onde seria colocado um estrado para elevar as bocas de fogo ao nível das canhoneiras, possivelmente peças pesadas, antigas e em ferro (como é referido nas fontes consultadas) que, provavelmente, seriam abandonadas e/ou destruídas em caso de fuga, por impossibilidade de rápido transporte. Para além disso o fosso de entrada era integralmente aberto pelo que a saída deveria ser feita por uma passagem levadiça e existia um paiol, em área central muito próxima da entrada que dificultava a passagem de carroças para retirar rapidamente estas peças.

Toda a área de armazenamento deveria ser coberta, podendo ser à demolição dessas estruturas que as fontes documentais se referem, bem como à inutilização das peças de artilharia que não pudessem ser transportadas. As estruturas sólidas dos redutos dificilmente podiam ser demolidas rapidamente numa situação de retirada, a não ser que o que hoje se encontra no terreno seja uma posterior construção de raiz, tendo sido desmontadas todas as estruturas de “má construção”, e por isso de rápida demolição, construídas em 1762.

Na segunda fase de ocupação do espaço, este é reestruturado e adaptado às necessidades da época, sendo construídas rampas para colocação de peças de campanha, de pequeno porte, leves e de rápida remoção em caso de fuga. As estruturas negativas seriam entulhadas, por serem ineficazes e o paiol constituir um estorvo para uma rápida retirada com as peças de artilharia e no fosso de entrada seria construída uma passagem larga e segura. Associado a cada rampa encontram-se pequenas plataformas que permitiriam a presença de um observador e/ou a colocação de caixas com munições.

Estas transformações podem ter sido executadas em 1801 sob o comando do Marquês de Alorna, conforme parecem atestar as fontes documentais.

Com os dados que possuímos apenas podemos pressupor dois momentos de ocupação, face às evidências estruturais, artefactuais e numismas descobertos. Contudo, não é de todo inviável que tivessem havido outras utilizações do espaço, mas para tal não possuímos dados que permitam avançar com tal hipótese.

No entanto, não deixa de ser uma possibilidade em aberto, visto termos conhecimento de um relatório de 1810<sup>33</sup> (decorriam ainda as guerras napoleónicas e era previsível nova invasão peninsular) em que é reconhecido o valor defensivo desta posição e sugeridas medidas para a melhorar, ainda que não saibamos se alguma vez tal trabalho foi realizado.

Duvidosamente teria sido executado no âmbito da invasão napoleónica de 1807, dado que as ordens de D. João, Príncipe Regente, foram não enfrentar o exército invasor e evitar o derramamento de sangue. Não teria justificação um investimento em estruturas defensivas onde não iria ser colocada uma guarnição armada (a posição das Talhadas estaria desprovida de homens, como mencionam as fontes da época, e o contrário poderia gerar atritos e por consequência o confronto indesejado). Todavia, tal também não é possibilidade a menosprezar, mesmo que tenha sido após a derrota e retirada do exército francês, como medida preventiva.

A única certeza é que entre 1762 e 1812 o Reino de Portugal vê-se envolvido em diversos conflitos europeus, confrontando-se sempre com o mesmo inimigo, formado por alianças entre Espanha e França e contando sempre com o mesmo aliado, a Inglaterra.

Apenas a escavação de outras estruturas deste sistema defensivo poderão responder a muitas questões que ficam, por hora, em aberto.

Relativamente às bocas de fogo referidas nas diversas fontes (variando entre 8 e 12) e deixando sempre a ideia de que se encontravam na sua posição passadas décadas, é uma situação duvidosa uma vez que todo o metal deixado para trás deveria ser aproveitado pela população local para reutilização no fabrico dos mais variados artefactos. O ferro e outros metais não eram de fácil obtenção para uma população pobre e carente desta matéria-prima. No entanto, é possível que a memória dos horrores passados pelos habitantes da região num curto espaço de tempo, cerca 50 anos, levasse a que ninguém tirasse as peças de artilharia do local onde se encontravam, tendo em mente permitir uma defesa eficaz se nova invasão ocorresse e os militares tivessem de reocupar os redutos abandonados. O canhão em ferro que se encontra em Castelo Branco, referido por Martins da Silva, poderá ser um testemunho desse pensamento. No entanto, mais compreensível é que tenha sido uma peça que foi atirada para os profundos vales que rodeiam os redutos, com o intuito de que uma vez perdida a posição não se utilizassem as peças contra o seu próprio exército, tendo por lá ficado esquecida (isto no caso da referida peça ser originária da posição das Talhadas).

## **Outras Estruturas Defensivas na Portela da Catraia**

O valor defensivo da Linha das Talhadas-Muradal é reconhecido sob o comando do Conde de Lippe e iniciada a sua construção em 1762 por um contingente português sob as ordens do Conde de Santiago, pelo menos na posição de vanguarda sobre a Ribeira do Alvito. Outras estruturas da época ou posteriores podem ter sido construídas por contingentes ingleses, como é sugerido para o núcleo defensivo do Forte dos Fortes, na Sobreira Formosa.

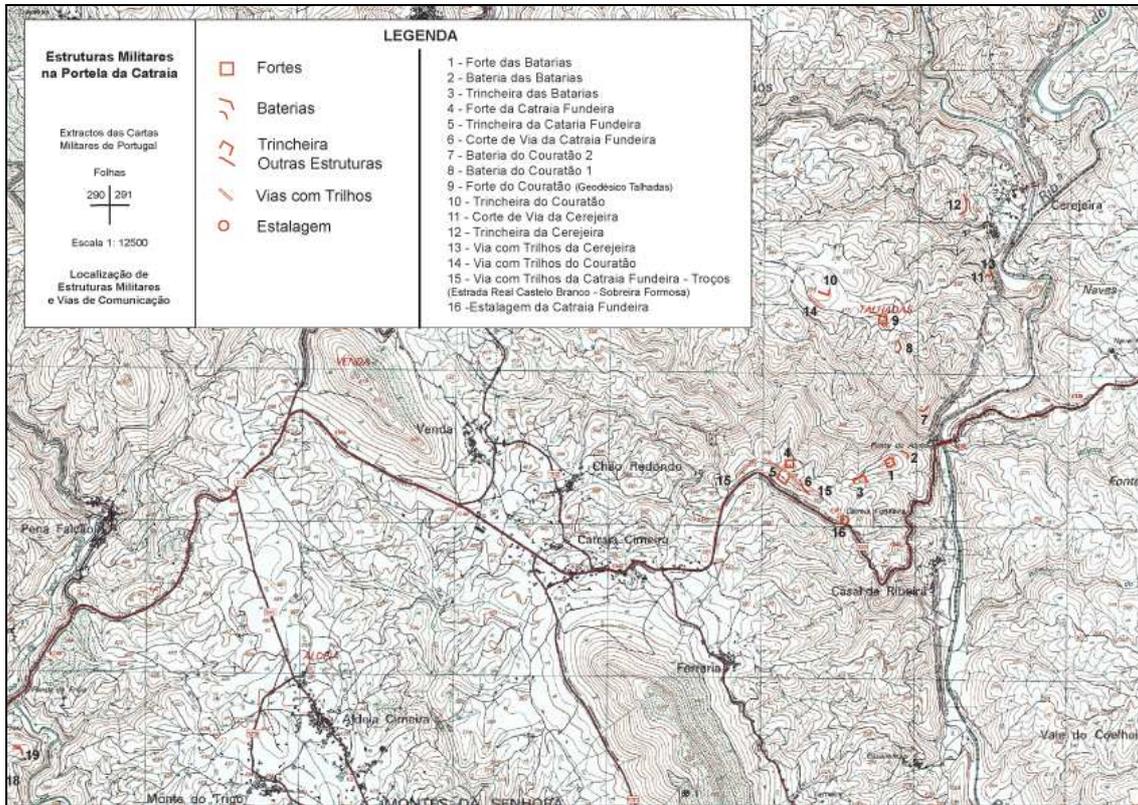
O conjunto defensivo é alvo de reconhecimento e melhorias até 1810, sendo referida a construção de estruturas em 1081 sob o comando do Marquês de Alorna, porém a base

---

<sup>33</sup> CASTELLO MELHOR & CARDOZO, 1810.

**O FORTE DAS BATERIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**

defensiva já se encontrava posicionada no terreno e a cobertura de uma eventual retirada estrategicamente disposta, bastando melhorar e reforçar posições.



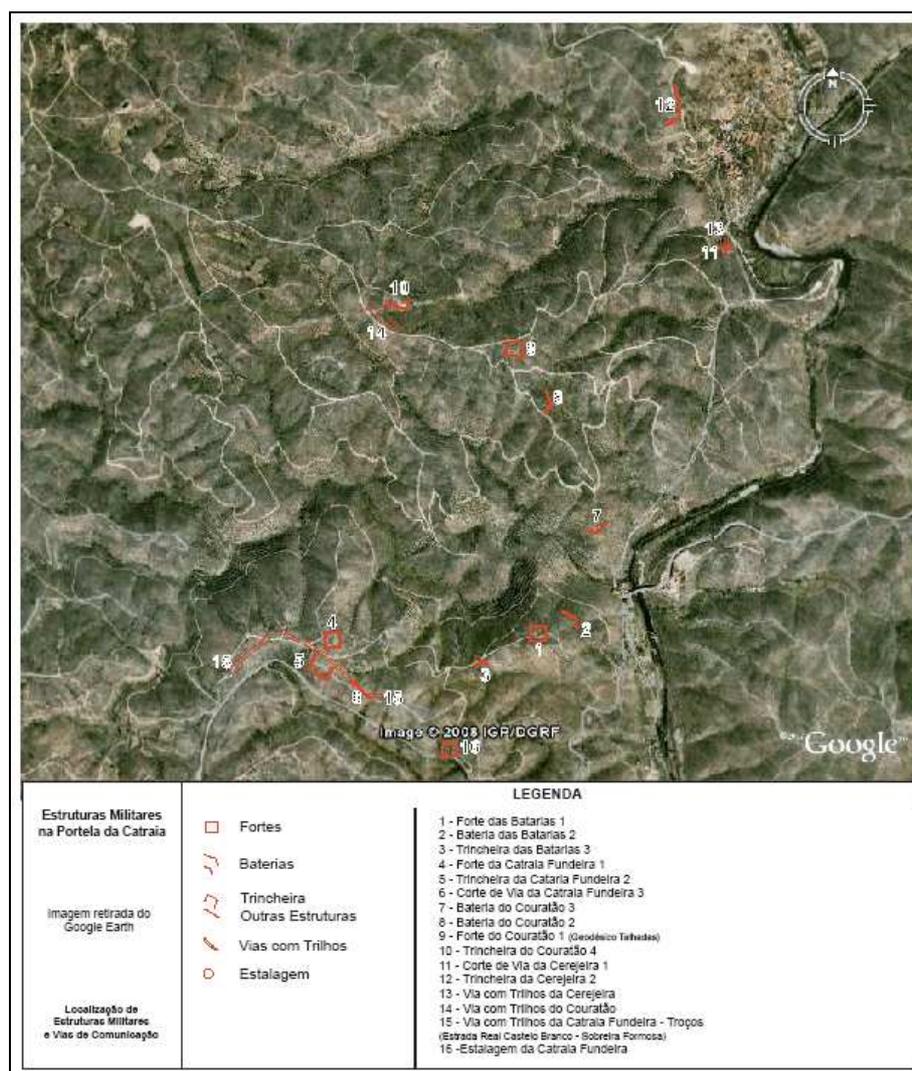
**Figura 11**

Como se poderá avaliar na cartografia todas as estruturas posicionadas na vanguarda têm o apoio de outras na sua retaguarda, garantindo uma retirada faseada e protegendo o contingente que se movimenta, cobrindo os flancos das posições principais e criando dificuldades de avanço para o exército invasor nas estradas existentes.

No que concerne a estruturas militares na Portela da Catraia são presentemente conhecidas 17 estruturas, nalguns casos associadas à defesa de caminhos (onde ainda se observam vestígios de trilhos de carros e a permanecem *in situ* as paredes da estalagem que naquele ponto servia a Estrada Real Castelo Branco-Sobreira Formosa), porém, existem outras assinaladas na cartografia ou fornecidas por fontes orais que ainda não foram identificadas no terreno.

No conjunto que defende a passagem da portela, localizado a Este desta sobre a Ribeira do Alvito (**Fig. 11 e 12**) foram identificadas 12 estruturas militares associadas a vias de circulação, encontrando-se as posições em pontos estratégicos com o objectivo de obstruir e dificultar o avanço do invasor.

**O FORTE DAS BATERIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**



**Figura 12**

Na cartografia de 1762<sup>34</sup> (**Fig. 13**) encontram-se assinaladas dez estruturas defensivas, não tendo ainda sido identificadas no terreno duas (um forte e uma bateria imediatamente a Sul do Forte das Baterias) e existindo dúvidas quanto à possibilidade de uma das três posições da Bateria do Couratão (a que se encontra mais a Sul) corresponder à Bateria do Couratão 3 (N.º 7 nas figuras).

Restam dúvidas quanto à data de execução da referida carta bem como se esta constituiu uma planta de projecto, posteriormente alterada aquando da sua execução (daí algumas posições não coincidirem com as actualmente conhecidas), ou se terá sido elaborada após o final da Guerra dos Sete Anos, uma vez que as legendas narram acontecimentos passados, o que significa que a data de 1762 (a única que se encontra na carta) reporta para a época de construção dos redutos e não para a data de execução da carta, que será posterior aos acontecimentos.

<sup>34</sup> PRETORIUS, 1762

**O FORTE DAS BATERIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR  
DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**

Deste modo todos os outros redutos são de época posterior, sendo 1801 a única data em que se refere a construção de novos fortes e trincheiras.



**Figura 13** – Extracto da Carta de 1762 com a localização dos redutos na Portela da Catraia

De modo a facilitar a uma breve descrição e função dos diversos redutos conhecidos iremos subdividir as posições defensivas em núcleos relacionados pela proximidade.

O Núcleo das Baterias (**Fig. 6 e 7**), posição onde se encontra o Forte das Baterias 1 (N.º 1), possui o forte no topo do monte (à cota de 317m) em zona frontal à ponte do Alvito, estrutura esta já amplamente descrita.

A meia encosta (sobre o ponto em que a encosta inicia uma inclinação bastante acentuada), a Este do forte, localiza-se uma bateria, a 280m de altitude (N.º 2 Bateria das Baterias 2) constituída por um amplo patamar escavado na rocha, definida por muros em xisto formando um ângulo muito aberto que acompanha a curva de nível do monte e taludes em terra na parte externa. Na junção dos dois braços, onde forma o ângulo, tem uma abertura que deverá

corresponder a uma canhoneira. O estado de conservação aparenta ser regular, ainda que possuindo muita terra a cobri-los e denso arvoredo.

A Oeste do Forte, sobre o lado Sul do caminho que pela cumeada dá acesso a este, identificou-se uma estrutura (à cota de 303m) em mau estado de conservação que poderá corresponder a uma trincheira (N.º 3 Trincheira das Baterias 3) de forma sub-rectangular aberta do lado Sul onde a encosta é mais acentuada (deste lado o terreno faz um socalco possivelmente criado pela actividade agrícola). A construção evidencia uma prévia preparação do terreno para nivelamento do interior na zona mais plana da cumeada, sendo definida por alinhamentos pétreos (xisto) que se encontram ao nível do solo. É constituída por um muro paralelo ao actual caminho (sentido O-E), tendo continuidade para Sul a partir das extremidades. O troço Oeste é o mais curto e alto estando equipado com um pequeno talude e fosso, o troço Este, virado para o forte, prolonga-se até ao início da encosta. A sua função deveria ser proteger a retirada das forças colocadas na bateria e no forte, bem como cobrir o flanco mais exposto da posição.

Segundo a informação oral, fornecida por vários habitantes locais, no vale que se localiza a Sul deste núcleo – com o microtopónimo de “Cova da Espanhola” – foram enterrados soldados franceses (que bem poderão ser portugueses e/ou espanhóis). O que tem lógica uma vez que é um pequeno vale agrícola (e único nas proximidades) que possui uma camada de solo (depósitos de vertente) com potência suficiente para abertura de uma vala, sendo toda a envolvente composta por solos esqueléticos e rocha. Foi também nesta área que se deu o confronto do Alvito e onde o exausto exército francês, na invasão de 1807, se deparou com grandes dificuldades na progressão.

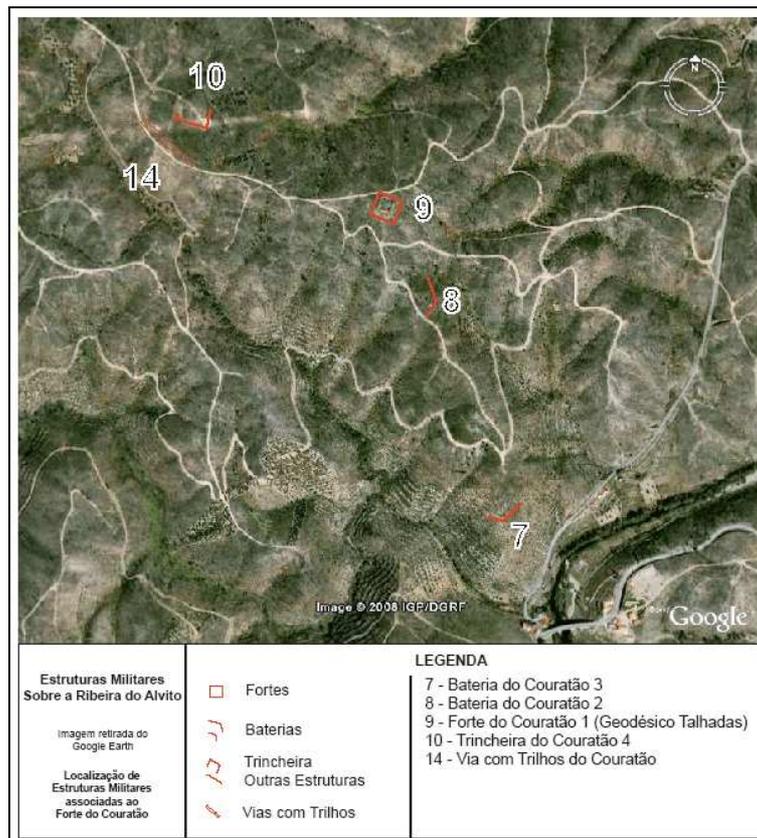
O Núcleo do Couratão (**Fig. 14**) localiza-se no monte a Norte do Forte das Baterias 1, sendo os montes separados por encostas íngremes e um vale profundo e encaixado. Este núcleo é constituído por um forte, sobre o qual se encontra o vértice geodésico Talhadas, duas baterias e uma trincheira. Segundo informação do Sr. José Dias Caetano, habitante da Cerejeira, caçador e bom conhecedor de todos estes terrenos, existem mais duas baterias na encosta (estruturas pequenas e arredondadas), para além das já localizadas devendo uma delas ter sido destruída pelo cruzamento de caminhos recentemente abertos.

O Forte do Couratão 1 (N.º 9) localiza-se no topo do monte a 372m de altitude, no extremo Este de uma cumeada atravessada por um caminho onde se identificaram troços de uma via com trilhos de carro (N.º 14 Via com trilhos do Couratão). Poderá corresponder ao forte referido por Martins da Silva<sup>35</sup> como tendo sido mandado construir pelo Marquês de Alorna em 1801. Trata-se de uma estrutura idêntica na forma e metodologia construtiva ao Forte das Baterias, possuindo aproximadamente 2,58m x 2,58m com a entrada virada para Oeste e um fosso em toda a envolvente. Nos taludes não se observam concavidades que sugiram a existência de canhoneiras. Encontra-se em estado de conservação regular (aparentemente), porém possui denso coberto arbóreo (pinheiros) e arbustivo em toda a sua área. A distância a que o forte se encontra da Ribeira do Alvito apenas deveria permitir o tiro (caso estivesse equipado com bocas de fogo) para a margem Oeste da Ribeira do Alvito. Provavelmente a sua principal função seria controlar a via que passa quase encostada ao talude Norte, evitando o flanqueamento das posições mais baixas a Sul e apoiar a retirada de homens e equipamento que se encontrassem nas baterias localizadas na encosta SE.

---

<sup>35</sup> SILVA, 1976, p. 100.

**O FORTE DAS BATERIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**



**Figura 14**

Na encosta virada a SE, a uma altitude de 340m, encontra-se uma bateria (N.º 8 Bateria do Couratão 2) numa plataforma aplanada, definida por muros em xisto formando um ângulo muito aberto acompanhando a curva de nível do monte, com taludes em terra na parte externa e um aparente fosso. O interior foi nivelado, notando-se uma cavidade correspondente a esta preparação do terreno. Localiza-se imediatamente a Este do caminho que desce a vertente mais acessível da encosta. Encontra-se em mau estado de conservação e coberto com denso arvoredo (pinheiros) e mato.

Em área de muito difícil acesso devido à inclinação da encosta, localiza-se à cota de 270m uma bateria (N.º 7 Bateria do Couratão 7) de tipologia similar à Bateria das Baterias 2, mas de menores dimensões. Tem uma esplanada escavada na rocha e um muro em pedra (xisto) formando um ângulo muito aberto que contorna a curva de nível da crista onde se encontra. Sob a bateria a encosta desce quase a pique pelo que se os muros possuíam um talude externo, este foi naturalmente destruído pelo passar dos anos. Foi reutilizada para plantação de oliveiras, com muros de contenção de terras, estando os muros em mau estado de conservação e o interior com denso matagal e ramos queimados de pinheiro. Esta posição permitiria um tiro a longa distância para além da Ribeira do Alvito. Possivelmente corresponde a uma das baterias assinaladas na cartografia de 1762, pelo que deverão encontrar-se outras duas na encosta para NE.

A NO do forte foi recentemente identificada uma estrutura localizada no topo Sul de um monte, à cota de 285m (informação cedida pelo Sr. Paulo Ribeiro e pelo Sr. José Dias Caetano, habitantes da Cerejeira). Deverá tratar-se de uma trincheira (N.º 10 Trincheira do Couratão 4)

formada por muros pétreos (xisto) com talude em terra no lado externo e sendo aberta do lado Norte. O interior foi previamente escavado de forma a deixá-lo nivelado e rebaixado. A parte frontal, de sentido O-E, forma diversos ângulos, dominando a via que passa sob esta a Sul (N.º 14 Via com Trilhos do Couratão). No extremo Oeste forma um pequeno braço para Norte e no extremo Este um troço mais longo igualmente para Norte, tendo sido recentemente destruído neste ângulo pela abertura de um caminho para colocação de um poste da EDP. Encontra-se em mau estado de conservação e coberto por pinheiros e arbustos. Deveria ter como função proteger a via e cobrir a retirada das forças que se encontrassem no forte e nas baterias.

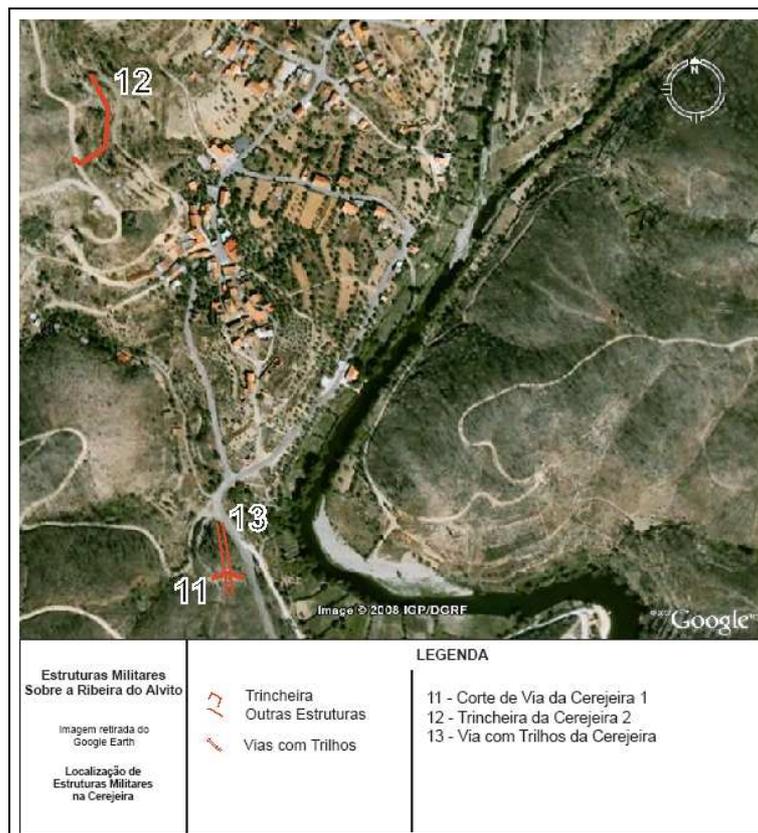


Figura 15

O Núcleo da Cerejeira (Fig. 15) foi recentemente identificado graças à informação dos dois habitantes locais supra nomeados. Tratam-se de duas estruturas com a finalidade de cobrir o flanco esquerdo das estruturas sobre a Ribeira do Alvito.

Uma das estruturas é referida por Luz Soriano<sup>36</sup> como tendo sido executada sob o comando do Conde de Lippe “*Tornou-se impraticável um caminho de almocreves, que passa de Sarzedas para a Sobreira Formosa, por Alvito ao pé da serra da Venda, do lado Norte.*” E também no relatório de 1810<sup>37</sup> “[...] *huma estrada de carro, que apartando-se da Estrada Real o vem passar ao pé da Cerejeira: esta Estrada foi mandada cortar em 1762 pelo Marechal Lipppe e também agora o está;*”. Este corte (N.º 11 Corte de Via da Cerejeira 1), a uma altitude de 230m, ainda hoje se encontra visível, cortando de extremo a extremo uma estreita cumeada, com encostas de acentuada inclinação, onde se observam os trilhos de carro (N.º 13 Via com Trilhos da Cerejeira)

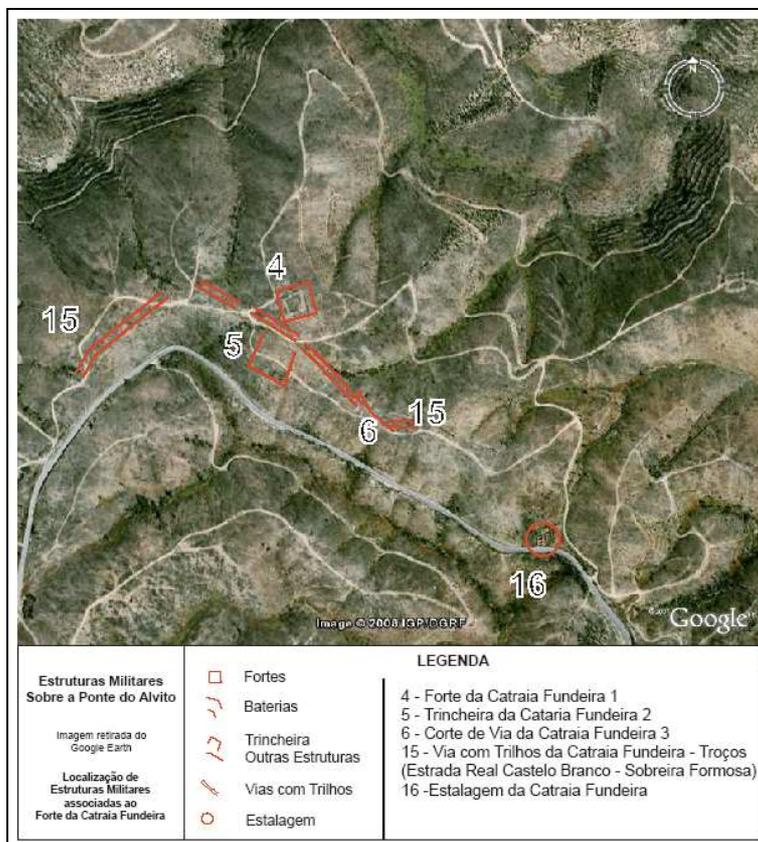
<sup>36</sup> SORIANO, 1876, p. 82-83.

<sup>37</sup> CASTELLO MELHOR & CARDOSO, 1810.

**O FORTE DAS BATERIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**

da estrada mencionada. É constituída apenas por uma vala profunda com cerca de 1m de largura cuja finalidade seria impedir a passagem de carros e dificultar a de homens do exército invasor.

A segunda estrutura é uma estreita e longa trincheira que contorna o monte sobre a Cerejeira, denominado localmente por Cabeço da Escola (N.º 12 Trincheira da Cerejeira 2). Encontra-se à cota de 280m numa encosta bastante inclinada, de onde se podiam observar as movimentações do invasor na margem oposta da ribeira do Alvito. A trincheira foi aberta na rocha, possuindo um muro defensivo em xisto, com cobertura de terra no exterior, a todo o comprimento e com uma zona alargada sensivelmente a meio. Segundo a informação cedida era bastante funda. Encontra-se em mau estado de conservação e com denso coberto arbustivo, tendo sido recentemente destruído o extremo Sul pela abertura do actual caminho, onde nos informaram que fazia um cotovelo. Também o extremo Norte foi parcialmente destruído por uma pequena pedreira utilizada para a construção da escola.



**Figura 16**

O Núcleo da Catraia Fundeira (**Fig. 16**) localiza-se a Oeste do Núcleo das Baterias, tendo por finalidade defender a passagem na Estrada Real Castelo Branco-Sobreira Formosa (N.º 15 Via com Trilhos da Catraia Fundeira), proteger a retirada do contingente vindo das estruturas das Baterias e cobrir o flanco direito.

Da Estrada Real são ainda hoje visíveis diversos troços com vários pares de trilhos paralelos (registados em fotografia aérea), passando entre duas estruturas defensivas, a Este das quais se encontra uma profunda e larga vala que corta a estrada (N.º 6 Corte de Via da Catraia Fundeira),

provavelmente um corte para impedir (ou atrasar) a passagem de carros do invasor. Este corte permanece na memória popular como sendo uma trincheira do tempo dos franceses, conforme nos foi informado pelo Sr. João Sequeira (que por sua vez ouviu a história pelo pai, ...) que nos levou ao local. Os trilhos, perceptíveis na fotografia aérea, percorrem as áreas de cumeadas e encostas mais suaves passando a Sul de um conjunto de casas em ruínas (até há poucos anos habitadas) que segundo consta entre os habitantes do concelho seria uma estalagem que servia a Estrada Real (N.º 16).

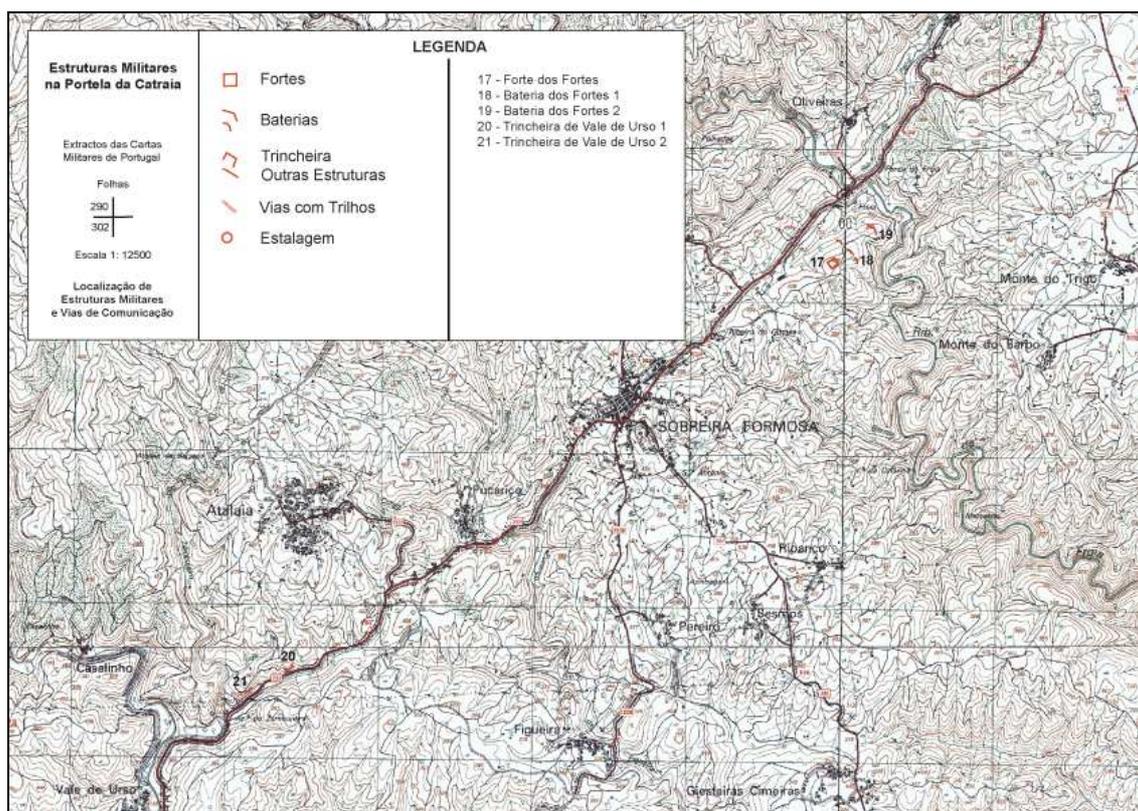
O Forte da Catraia Fundeira (N.º 4) encontra-se no monte com maior altitude do núcleo defensivo, 369m, possuindo forma e tipologia idêntica ao Forte das Baterias, com cerca de 25m x 25m, entrada virada para NO, com ponte de acesso formada pelo substrato rochoso, e fosso em todo o perímetro, não sendo visíveis concavidades no talude que indiciem a existência de canhoneiras. No canto SE parece formar uma plataforma quadrangular sobrelevada que poderia ter como função a colocação de uma peça de artilharia. O estado de conservação é regular, possuindo pouca vegetação e cepos de pinheiros carbonizados.

No monte imediatamente a Sul identificou-se, quando decorriam os trabalhos de escavação do Forte das Baterias, uma estrutura que poderá corresponder a uma trincheira (N.º 5 Trincheira da Catraia Fundeira 2). A uma altitude de 366m, a estrutura apresenta talude em terra do lado Este (com a mesma tipologia construtiva encontrada nos restantes fortes), encontrando-se este cortado por abertura recente de caminho. Do lado Sul (sobre a encosta mais íngreme) são visíveis vestígios de taludes e alinhamento de pedras ao nível do solo, destacando-se pouco no terreno. Do lado Oeste apenas existe um alinhamento de pedras ao nível do solo, visível em toda a sua extensão, fazendo um canto com pequeno troço para Este do lado Norte. Do lado Norte não se observa qualquer ligação entre os lados Oeste e Este da estrutura. Possivelmente não foi construído talude deste lado, ficando o forte aberto, ou devido à inclinação do terreno foi integralmente destruído pelas águas pluviais. No interior observam-se cavidades que poderão ser de um trabalho prévio de nivelamento e rebaixamento do piso, com maior profundidade no quarto SE, onde no canto SE também se forma uma plataforma quadrangular alteada ao nível do talude, com possível função similar à anteriormente referida. O estado de conservação é mau, encontrando-se o terreno com coberto vegetal pouco denso e frequentes troncos de pinheiro carbonizados.

Estas duas últimas estruturas e a Estrada Real encontram-se assinaladas na cartografia de 1762 (Fig. 13).

Estrategicamente construídas sobre áreas de travessia de ribeiras, em encostas de difícil acesso, identificaram-se até à presente data dois núcleos, que constituiriam a retaguarda da posição da Portela da Catraia (Fig. 17). Teriam como função cobrir a retirada do corpo militar vindo da frente defensiva, deslocando-se pela Estrada Real, e atrasar o avanço das forças invasoras.

**O FORTE DAS BATERIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**



**Figura 17**

O Núcleo do Forte dos Fortes (**Fig. 18**) é composto por um forte, uma bateria constituída por uma linha com três posições de fogo separadas e uma bateria sobre a ribeira em local com o microtopónimo Alto do Moinho, por se situar sobre um moinho hidráulico existente na ribeira. Esta posição, a NE da Sobreira Formosa, ocupa o topo do Monte dos Fortes (microtopónimo que só por si é já esclarecedor quanto há existência de estruturas militares) e a encosta virada a NE sobre a Ribeira da Fróia, que aqui forma um vale profundo e encaixado com encostas de inclinação bastante acentuada. A Estrada Real deveria passar pelo mesmo sítio onde se encontra a estrada actual, ou muito próxima, sendo a função deste núcleo cobrir os contingentes em retirada.

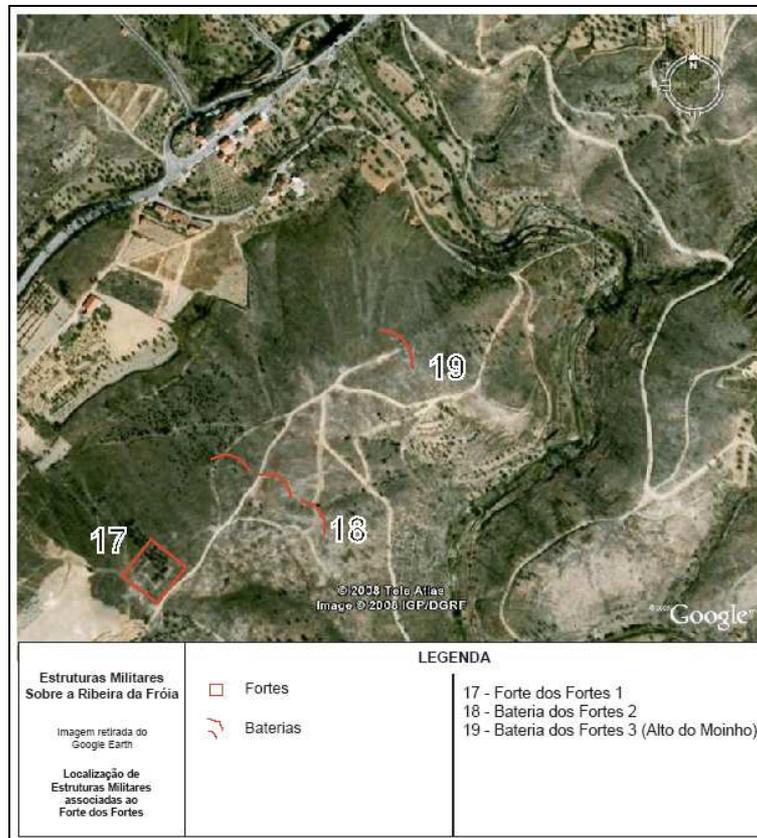
O Forte dos Fortes 1 (N.º 17) localiza-se no topo do monte a uma altitude de 408m. É uma estrutura de planta quadrangular sendo a tipologia e método construtivo idênticos ao do Forte das Baterias. Tem como dimensões ortogonais 23m x 23m, entrada virada para Oeste e fosso em todo o perímetro, não sendo perceptíveis vestígios de canhoneiras. Segundo informação de um habitante local o interior do forte era utilizado como “cemitério de burros”<sup>38</sup>. O estado de conservação é regular, encontrando-se ocupado por mancha de eucaliptal e apresentando rodados de veículos nalguns pontos do talude.

A Bateria dos Fortes 2 (N.º 18) encontra-se em área de encosta suave entre os 390 e 400m de altitude, sendo constituída por três estruturas semicirculares separadas entre si com dimensões rondando os 14-15m de perímetro a 6-9m de largura, formando uma barreira de fogo sob a face NE do forte. São definidas por taludes em terra e blocos de xisto (não se observam vestígios de

<sup>38</sup> HENRIQUES, CANINAS & CORREIA, 2002, p. 69.

**O FORTE DAS BATERIAS SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO (PROENÇA-A-NOVA). ANÁLISE PRELIMINAR  
DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, Mário Monteiro e André Pereira**

muro) retirados do interior das estruturas sendo este rebaixado. O estado de conservação é regular, tendo em conta a fragilidade construtiva, encontrando-se em área de pinhal ardido, excepto a posição NO com denso coberto arbóreo (pinheiro) e arbustivo. Correm risco de rápida destruição face à erosão, circulação de madeireiros e viaturas.



**Figura 18**

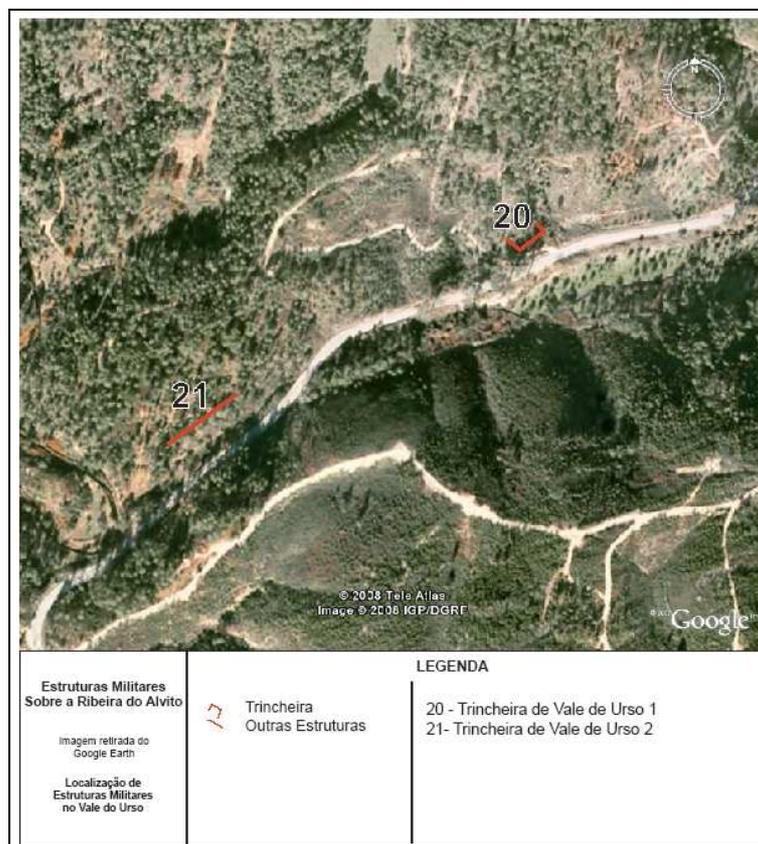
A Bateria dos Fortes 3 ou do Alto do Moinho (N.º 19) encontra-se sobre uma plataforma a 380m sobranceira à Ribeira da Fróia. Encontra-se em linha com as anteriores estruturas, na encosta virada a NE. Possui a forma de um arco de círculo bastante aberto e com maiores dimensões do que as anteriores, cerca de 30m de perímetro por 6m de largura. É constituída por um talude em terra e blocos de xisto (não se observam vestígios de muro) retirados do interior da estrutura sendo este rebaixado. O estado de conservação é mau, terminando no seu interior um caminho, encontrando-se em área de pinhal ardido. Corre risco de rápida destruição face à erosão, circulação de madeireiros e viaturas.

Todas as estruturas se encontram representadas na carta de 1762. A referência no relatório de 1810<sup>39</sup> de que se tratam de estruturas construídas pelos ingleses em 1801 é incorrecta, uma vez que o autor desta carta, Jacob Crisóstomo Pretorius, faleceu em 1798.

O Núcleo de Vale de Urso (**Fig. 19**) é constituído por duas trincheiras escavadas na rocha, encontrando-se ambas na encosta NO de um vale estreito e encaixado por onde passava a Estrada Real, hoje a estrada nacional 233. Localizam-se a cerca de 1Km para NE de Vale do

<sup>39</sup> CASTELLO MELHOR & CARDOSO, 1810, p. 451.

Urso, tendo como função proteger a travessia da Ribeira da Sarzedinha pelo exército em retirada e atrasar o avanço do invasor. Localizam-se em encostas de acentuada inclinação e difícil acesso, permitindo uma rápida fuga para os defensores. Em relatório de 1810<sup>40</sup> é referida uma posição muito boa sobre a Ribeira do Pucariço que provavelmente não corresponde a esta ainda que o Pucariço se encontre muito próximo. Estas estruturas foram identificadas no âmbito de um trabalho de prospecção de uma linha eléctrica em 2004<sup>41</sup>.



**Figura 19**

A Trincheira de Vale do Urso 1 (N.º 20) encontra-se situada na base de uma encosta íngreme, a 370m, sobranceira à estrada nacional, à entrada de um troço onde esta atravessa um vale em forma de desfiladeiro. É constituída por um talude linear em terra compactada e pequenos fragmentos de xisto (não se observam vestígios de muro) retirados do interior da estrutura sendo o piso rebaixado. Possui 15 m de comprimento fazendo uma curvatura para NO com cerca de 2 m de comprimento e terminando no encosto com uma cota mais elevada a NE. Trata-se de uma posição de infantaria tendo por objectivo cobrir o contingente em retirada e emboscar o exército invasor. O estado de conservação é regular, encontrando-se com coberto arbóreo e arbustivo denso.

A Trincheira de Vale do Urso 2 (N. 21), localizada a SO da anterior, deveria trabalhar conjuntamente com esta. É formada por um soalco linear sustentado por um muro de pedra, muito arruinado, a uma altitude de 370m, com cerca de 66m de comprimento. A sua construção

<sup>40</sup> CASTELLO MELHOR & CARDOSO, 1810, p. 451.

<sup>41</sup> CANINAS; *et al.*, 2004.

consistiu na escavação de uma estreita plataforma na encosta rochosa, que termina numa face rochosa do lado NE, e na construção de um muro de pedra no bordo do socalco. Caso tivesse um talude em terra no exterior este foi totalmente destruído pela erosão. Tem uma posição sobranceira à estrada num troço onde esta atravessa um estreito desfiladeiro que dificultaria consideravelmente a passagem e movimentação de um exército numeroso. A localização a meia encosta, a inclinação bastante acentuada desta e a existência de uma pequena linha de água no vale constituem elementos que concedem a esta posição uma elevada vantagem sobre o invasor, sendo apenas necessário um pequeno contingente de infantaria para a defender. Teria como função cobrir os contingentes militares em retirada e atrasar o avanço do invasor. O estado de conservação é mau, devido à erosão, encontrando-se numa área de pinhal que também ocupa a estrutura.

Possivelmente existirão outras estruturas com a mesma finalidade sobre a Ribeira do Pucariço e as fontes documentais mencionam estruturas na passagem da Ribeira do Mesão Frio<sup>42</sup>, situações que ainda não foi possível esclarecer e identificar no terreno.

## **Considerações Finais**

Antes do incêndio, toda a região era povoada predominantemente por pinheiro, raras manchas de eucalipto, cerejeira e uma agricultura pouco expressiva. Porém, foi-nos fornecida a informação de que em épocas anteriores os terrenos eram cultivados com cereais, oliveira e cerejeira, sendo a arborização natural composta por castanheiro, medronheiro, sobreiro e azinheira.

O incêndio acelerou a extinção de um ofício que à data já se encontrava em vias de findar, o de resinheiro, que foi durante anos o sustento de muitas das famílias da região. Originou também o abandono dos terrenos cultiváveis, presentemente baldios ocupados pelo mato.

O conjunto de estruturas militares construídas nas portelas da Serra das Talhadas e na Serra do Muradal formaram uma linha defensiva com carácter permanente, readaptadas e utilizadas sempre que necessário. Como sugeriu o Tenente-Coronel Dr. Pires Nunes a “Linha das Talhadas”, mas que será mais correcto considerar Linha das Talhadas-Muradal.

Pela análise da metodologia construtiva, até à data apenas estudada no Forte das Baterias (Proença-a-Nova) e na Bateria da Achada (Vila Velha de Ródão), pode-se afirmar que não se tratavam de estruturas de campanha, de construção rápida e abandono após o final do conflito, mas sim de estruturas integrantes de uma linha defensiva, em que as abruptas escarpas da Serra das Talhadas funcionariam como muralhas naturais integrantes numa primeira linha defensiva (apoiada por outras tantas estruturas que cobriam a retaguarda e os flancos), tendo sido apenas necessária a construção de fortes, baterias e trincheiras nas portelas naturais. Teriam sido construídas para resistir ao passar dos anos e prontas a serem reestruturadas sempre que necessário. Situação que poderemos comparar às Linhas de Torres, ainda que nas Talhadas a metodologia defensiva fosse mais fácil por apenas terem que se fechar as portelas que dariam acesso ao interior do Reino e, por consequência, à sua capital.

---

<sup>42</sup> CASTELLO MELHOR & CARDOSO, 1810, p. 451.

Relativamente ao Forte das Baterias os dados cronológicos obtidos em campo em associação a estruturas ou à condenação destas, confirmam a sua construção e a ocupação do espaço entre a segunda metade do Século XVII e primeiras décadas do Século XVIII. A condenação de estruturas negativas integralmente abertas na rocha, levam-nos a crer que se tratam de testemunhos de reutilização (ou reutilizações) e reestruturação do forte. Como já sugerido, não tem lógica desperdiçar tempo em penoso e demorado trabalho de escavação para logo após se entulhar a estrutura, ainda mais dada a extrema necessidade de fortificar a posição perante um eminente ataque pelas forças invasoras.

A cartografia da época e as fontes documentais confirmam a data de fundação da linha defensiva, não dando espaço para dúvidas quanto a esta, 1762.

Muito trabalho há por fazer, sendo o mais urgente a identificação e registo dos redutos que ainda se encontram perdidos algures nas portelas das Serras das Talhadas e do Muradal.

É um património único e valioso que merece um projecto a longo prazo<sup>43</sup> de intervenção arqueológica e manutenção das estruturas da “Linha das Talhadas-Muradal”.

## Bibliografia geral

ANTUNES, Luís Filipe R. (2008) - **Francisco Tavares Proença Júnior: um Arqueólogo “Moderno” na Pré-História da Arqueologia Portuguesa?:** in *Arkeos. Perspectivas em Diálogo*, 22, CEIPHAR, Instituto Politécnico de Tomar, pp. 39-172.

BARRENTO, António (2006) - **Guerra Fantástica. 1762. Portugal, o Conde de Lippe e a Guerra dos Sete Anos**, Tribuna da História, Lisboa.

BERGER, José Paulo (2008) - Coord., **A Fronteira da Beira e a Defesa do Território. Cartografia, Fortificação e Arquitectura Militar dos Séculos XVIII-XIX**, Catálogo de Exposição, Centro de Interpretação de Fortes e Baterias da Sobreira Formosa, Câmara Municipal de Proença-a-Nova, Proença-a-Nova, Novembro de 2008.

CANINAS, João; *et al.* (2003) - **Prospecção Arqueológica do Corredor da Linha Pinhal Interior – Falagueira a 150 KV e Subestação de Corgas (Proença-a-Nova, Vila Velha de Ródão e Nisa). Relatório sobre a Avaliação do Descritor Património Arqueológico**, Emerita, Lisboa (Relatório cedido pela Emerita).

CASTELLO MELHOR & CARDOSO (1810) - **Sobre o Giro que por ordem do III.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> S.<sup>or</sup> Tenente General António Jozé de Miranda Henriques fizeram os Ajudantes de Campo Marquez de Castello Melhor e Manoel Jozé Dias Cardoso, pelas Linhas de posição de Talhadas, Águas Quentes e S. Domingos**, in: *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, 46.<sup>o</sup> Vol., Lisboa, 1976, pp. 445-456.

HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João; CORREIA, Fernando Branco (2002) – **As Estruturas Militares na Serra das Talhadas**, in: *Açafa*, 5, *Actas do Colóquio “As Invasões Peninsulares e a*

---

<sup>43</sup> No qual seria extremamente valioso contar com a colaboração de especialistas militares, que já mostraram interesse em colaborar no Projecto.

*Região de Ródão” (Vila Velha de Ródão, Maio de 2000)*, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão, pp. 43-71.

LOPES, G. A. (1998) – **Cerâmicas dos Séculos XVII e XVIII de Vialonga**. *Ibn Maruán*, 8. Marvão: Câmara Municipal de Marvão / Colibri. pp. 325-346.

PROENÇA JÚNIOR, Francisco Tavares de (1910) - **Archeologia do Districto de Castello Branco – 1ª Contribuição para o seu Estudo**, Leiria.

QUEIRÓS, J. (1987) - **Cerâmica Portuguesa e outros estudos**. 3.ª ed. Lisboa: Editorial Presença.

RIBEIRO, O.; TEIXEIRA, C.; FERREIRA, C. Ribeiro; ALVES, C.A. Matos (1967) - **Carta Geológica de Portugal. Notícia Explicativa da Folha 24-D Castelo Branco**, Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, Lisboa.

SANDÃO, A. (1988) - **Faiança Portuguesa I: séculos XVIII e XIX**. Porto: Livraria Civilização.

SILVA, B. Martins (1976) - **Chronologia Histórica, política e Diplomática e Militar e Parlamentar de Portugal. Desde que Sua Alteza o Príncipe D. João Reassumiu a Regência do reino em 1799, até aos Nossos Dias**, in: *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, 46.º Vol., Lisboa, 1976, pp. 89-111.

SORIANO, Simão José da Luz (1876) - **História do Reinado del-Rei D. José I e da Administração do Marquez de Pombal**, in: *Documentos e Notas para a Monografia de Sarzedas*, pelo Cónego Francisco Alexandrino Duarte de Miranda e Godofredo Alberto dos Santos Ferreira, (s/l), 1986, pp. 80-91.

TORREZÃO, Simão Coelho (s/d) - **Epilogo Histórico da Guerra de Portugal com Castela. No Anno de 1762. Offerecido a S.A.R. O Seren.º Príncipe Nosso Senhor. Por Simão Coelho Torrezão. Sargento-mor da Câmara de Tavira**, in: *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, 46.º Vol., Lisboa, 1976, pp. 405-423.

VAZ, J. Ferraro; SALGADO, Javier (1987) - **Livro das Moedas de Portugal**, Braga.

VICENTE, António Pedro (2007a) - **Guerra Peninsular. 1801-1814**, Quidnovi, Lisboa.

VICENTE, António Pedro (2007b) - **Invasões Francesas. 1801. Ano Zero**, in: *Actual* de 24 de Novembro, Expresso, Lisboa.

## Cartografia

**Carta Geológica de Portugal** (1966) - Esc. 1:50000, Folha 24-D Castelo Branco, Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, Lisboa. (Folha 24-C Sertã, correspondente às CMP 290 e 301, não se encontra publicada).

**Carta Militar de Portugal**, Escala 1: 25000, folhas 290, 291, 302 e 303.

PRETORIUS, Jacob Crisóstomo (1762) - **Mapa de Todo o Rio Creza e de Terrenos que lhe confinão, e que tenham alguma couza de remarquavel pelos Campamentos diferentes deste ultima Guerra, como também dos Rayos das Serras, principiando do Rio Zefare ate alem do Rio Tejo, 1767** Referência 3665/I-3-33-45, DIE, Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar.

### Sítios da Internet

**Base de Dados – Endovélico** do Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico ([www.ipa.min-cultura.pt](http://www.ipa.min-cultura.pt)).

**Google Earth**, fotografias aéreas da área e das estruturas militares extraídas deste sítio (

**Guia de Portugal**, mapas temáticos ([www.guiadeportugal.pt](http://www.guiadeportugal.pt)).

**Inventário do Património Construído** da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais ([www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)).

**Lista de Imóveis Classificados e Em Vias de Classificação** ([www.ippar.pt](http://www.ippar.pt)).

**Os Planos da Guerra Fantástica** por *General* António Eduardo Queiroz de Martins Barrento ([www.revistamilitar.pt](http://www.revistamilitar.pt)).

**Portugal**. Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico, sítio de consulta de diversos temas relacionados ([www.arqnet.pt](http://www.arqnet.pt)).

**Projecto Sidcarta**, Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar, sítio que permite a consulta de cartografia antiga ([www.exercito.pt](http://www.exercito.pt)).

**Wikipédia**, sítio de consulta de diversos temas relacionados, como por exemplo Conde Lippe, Guerra dos Sete Anos,... ([pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org)).